

GALERIA THEATRAL

A FLOR DE LIZ

OPERA COMICA EM 3 ACTOS

ACCOMMODADA À SCENA BRASILEIRA

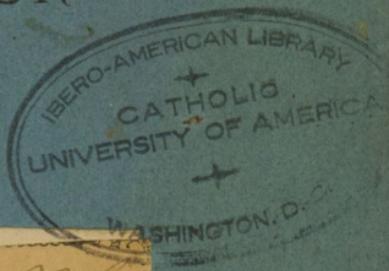
POR

ARTHUR & ALUIZIO AZEVEDO

MUSICA

DE

LEÃO VASSEUR



LIVRARIA DEMOCRATICA
— DE —

Lopes Souza & Irmão

117 RUA DE S. JOSÉ 117

COMPRAM-SE E VENDEM-SE

LIVROS NOVOS E USADOS

Encontra-se nesta casa, por modicos preços,
grande sortimento de livros, tanto collegias como
de litteratura, sciencias, etc., etc.

RIO DE JANEIRO.

Est

ADVERTENCIA

A FLOR DE LIZ

OPERA-COMICA EM 3 ACTOS

Representada pela primeira vez no
Rio de Janeiro, no theatro Sant'Anna, em
26 de Outubro de 1882.

PQ
9697
A95
F54
1882

ADVERTENCIA

Havendo o Conservatorio Dramatico Brasileiro prohibido as representações de *Le droit du seigneur*, opera comica representada em 1878, em Pariz, e convindo aproveitar, para o repertorio da excellente companhia Heller, a interessante partitura de Vasseur, escrevemos o *libretto* que se vae ler, calcando-o sobre o de Paulo Burani e Maximo Boucheron.

A flor de liz, como se poderá verificar, aproveitou algumas situações da peça original, substituindo aquellas que promoveram o rigor do Conservatorio, capazes, na realidade, de offender uma platéa escrupulosa.

A. & A. AZEVEDO.

GALERIA THEATRAL

A FLOR DE LIZ

OPERA COMICA EM 3 ACTOS

ACCOMMODADA Á SCENA BRASILEIRA

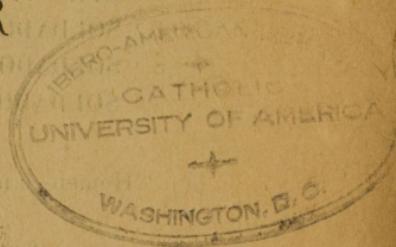
POR

ARTHUR & ALUIZIO AZEVEDO

MUSICA

DE

LEÃO VASSEUR



RIO DE JANEIRO

DOMINGOS DE MAGALHÃES — EDITOR

97, Rua Sete de Setembro, 97.

—
1882

Esta peça não poderá ser representada sem auctorisação,
por escripto, dos auctores.

PERSONAGENS

| | |
|-------------------------|------------------|
| O CAPITÃO-GENERAL | SR MATTOS. |
| O ALCAIDE-MOR | » GUILHERME. |
| O PHISICO-MOR | » ARÊAS. |
| BEIJA-FLOR..... | » NINO. |
| O SARGNTO-MOR..... | » PINTO. |
| CATHARINA | Mlle R. VILLIOT. |
| A CONDESSA | » HENRY. |
| THEREZA | D. ISABEL. |
| MARIA..... | » JULIA. |
| JOANNA..... | » ADELAIDE. |
| JOSEFA | » EUFRASIA. |
| 1.º SOLDADO..... | SR MACHADO. |
| 2.º SOLDADO..... | » ADELINO. |
| 3.º SOLDADO..... | » PEDRO. |

Homen- e mulheres do povo, soldados, caçadores, paisanos.

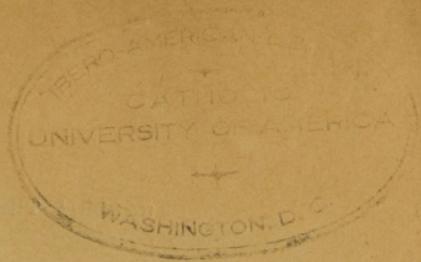
A scena passa-se no Brasil, no seculo XVII.

Ensaiador, Sr Jacintho Heller:

Scenographos, Srs Rossi e Cabouffigue.

Regente da orchestra, Sr Henrique de Mesquita.

6328



A FLOR DE LIZ

ACTO PRIMEIRO

Praça de villa. A' esquerda, a modesta habitação de Catharina. Ao fundo, arvoredo, e um portão, que conduz ao palacio do Alcaide-mór. Vê-se, em perspectiva, no panno do fundo, a parte culminante do palacio.

SCENA PRIMEIRA

THEREZA, MARIA JOANNA, JOSEFA, o PHISICOMOR, HOMENS E MULHERES DO POVO.

INTRODUÇÃO

CÔRO.

Isto è demais ! que maroteira !
O senhor conde maluco estará ?
Não póde haver maior bandalheira !
O sephor conde perfeito não está !

O PHISICO-MÓR.

O nosso alcaide-mór é da mais nobre raça ;
 Receia vel-a extincta—e tem razão, talvez.—
 Quer encontrar mulher que conhecer lhe faça
 O que é ser pae de um filho ao menos uma vez.

CÔRO.

Isto é demais !

O PHISICO-MÓR.

Gritam mais que o gallo !
 Temerarios são !

CÔRO.

Que negra acção !

O PHISICO-MÓR.

Tenhám cuidado : podem zangal-o !
 Ai de quem se lhe for queixar !
 Na pelle não lhe quero estar !

CÔRO.

Isto é de mais !

THEREZA.

Excessos taes
 E taes extremos
 Devemos supportar ?
 Injuria tal ouvir devemos
 Sem murmurar ?

(As raparigas que a cercam.)

Escutem cá, minhas amigas,
 Um juramento é já preciso:

O alcaide-mór nem um sorriso
Alcançará das raparigas.

AS MULHERES.

Assim juramos
E protestamos.

OS HOMENS

Bravo ! bravo, raparigas !

O PHISICO-MÓR.

Oh, meu Deus, que raparigas !

JOANNA.

Coplas

I

A nós bem pouco se nos dá
Do que pretende o potentado ;
Ha de ficar desesperado,
Nada de nós conseguirá.
O amor não pôde ser imposto,
Não se sujeita a imposição ;
Não sendo amor do nosso gosto,
Não nos penetra o coração.
Devemos todas ser esquivas,
Fazel-o todas rabiari !
Sejamos altivas,
Espertas e vivas !
E o tal senhor—podem contar—
Não mais em nós ha de pensar.
E' não lhe responder sinão:
Não !

II

Si o nome quer perpetuar,
 Do lar domestico não fuja ;
 Ou lave em casa a roupa suja.
 Ou deixe a roupa por lavar...
 Si o santarrão, por ser de casa,
 Milagre é coisa que não faz,
 Procure alguém que lhe encha a vasa,
 E por favor nos deixe em paz.
 Devemos todas ser esquivas, etc.

O PHISICO-MÓR.

Não é tanto assim, minhas filhas ! não é tanto assim ! O que sua mercê resolveu fazer é de toda a justiça ! Vocês não entendem d'isto... Trata-se de interesses de nobliarchia.... Trata-se de dar seiva a uma illustre arvore genealogica, para não deixal-a morrer para ahi como um genipapeiro qualquer. E' uma questão de hereditariedade.

MARIA.

De que ?

O PHISICO-MÓR.

De hereditariedade ou successão. Repito : sua mercê o senhor alcaide-mór precisa perpetuar o nome glorioso de seus antepassados. Quer ter descendentes. Descendentes, que serão os herdeiros de seus titulos e de seus bens.

THEREZA.

Pois si quer descendentes—ou com dentes—que se entenda com a familia ! E' boa ! (Todas riem.)

O PHISICO-MÓR.

Hoc opus hic labor est. Infelizmente a senhora condessa é infecunda, e sua mercê não pôde, como os monarchas, annular o seu casamento.

MARIA.

Pois que não annule !

O PHISICO-MÓR.

O que não impede, porém, que empregue todos os meios de perpetuar o nome illustre de seus avós. Vocês, minhas filhas, nada perdem com as exigencias do senhor alcaide-mór. Devem até desejar que elle seja o pae de todos os filhos, que porventura venham a ter. Estarão garantidas, e os pequenos terão pae alcaide.

THEREZA.

Obrigadas pela boa intenção ! Pensará o senhor phisico que não entendemos d'isto ? O que lucrava um filho nosso em ter pae alcaide, uma vez que não fosse filho legitimo ?

O PHISICO-MÓR.

Sua mercê está disposto a tudo. Desenganado de que nunca terá um filho de matrimonio, resolveu não só reconhecer por escriptura o bastardo que tiver, como igualmente conferir-lhe todas as regalias do seu nome e da sua fazenda.

JOANNA.

Nós é que não engolimos essa !

O PHISICO-MÓR.

Pois engulam, que é a pura verdade. Si assim não fosse, sua mercê não me faria vir expressamente do reino, incommodando-se, e gastando um rol de cruzados, que lhe não faziam falta.

THEREZA.

Isso tudo é o que se diz agora ! Depois....

JOSEFA.

Sim, além de que, cada uma de nós tem o seu competente noivo !

THEREZA.

E seria muito feio si...

MARIA.

Cá por mim, podem prometter-me mundos e fundos !

O PHISICO-MÓR.

Não exagerem as circumstancias, minhas filhas. O noivo facilmente se consolaria, vendo entrar-lhe a fortuna pela porta .

THEREZA.

Mas, afinal de contas, nada disto nos diz para que o senhor phisico-mór nos reunio aqui.

JOANNA.

E avie-se, que temos mais que fazer!

O PHISICO-MÓR.

Primo. Prevenil-as do desejo de sua mercê.

TODAS.

Secundo...

O PHISICO-MÓR.

Secundo, examinal-as.

AS MULHERES.

Examinar-nos!...

O PHISICO-MÓR.

Certamente.

THEREZA.

Ora outro officio! Onde já se vio isto?! Examinar-nos!

O PHISICO-MÓR.

Cumpro ordens.

MARIA.

E foi para isso que veio do reino?

(Rizadas. O phisico-mór é apontado no meio de geral zombarla.)

O PHISICO-MÓR, de mau humor.

O caso não é para galhofas! Vim do reino, *sim*, senhoras, vim! E tenho nisso muita honra. Sou o famigerado cirurgião Salsaparrilha, licenciado na universidade de Coimbra e phisico-mór da casa real. Mais de um principe já me morreu nas mãos, com honra e em boa hora o diga!

THEREZA, interrompendo-o.

Pois bem, consentimos no exame, sob a condição de que nos ha de agarrar!

TODAS.

Isso ! Isso ! (Correm em volta do phisico-mór.)

JOSEFA.

Pegue ! (Dá-lhe uma pancada no chapéu.)

MARIA.

Examine, si é capaz ! (Faz o mesmo.)

JOANNA.

Cá estou, cá estou ! Examine-me ! (As mulheres continuam a correr em torno do phisico-mór, que as persegue. Os homens, á parte, riem ás gargalhadas.)

SCENA II

OS MESMOS, o ALCAIDE-MOR, a CONDESSA.

O ALCAIDE-MÓR, fóra.

Cale-se ! Você é uma vibora !

A CONDESSA, fóra.

E você um velho libertino !

O PHISICO-MÓR, parando com respeito.

Ahi vem sua mercê.

TODOS, intimidados.

O alcaide-mór!

THEREZA.

Chega a proposito. Vamos perguntar-lhe o que deseja de nós.

O PHISICO-MÓR.

Endoideceste? Pois não vêes que vem em companhia da senhora condessa? Fallem-lhe quando estiver só. (Entra o alcaide-mór ao lado da condessa.) Pscio...

O ALCAIDE-MÓR, á condessa

Não me desesperes, creatura!

A CONDESSA.

Não me puxe pela lingua!

O ALCAIDE-MÓR.

Irra! Deixe-me em paz!

A CONDESSA.

Vá pentear monos!

O ALCAIDE-MÓR, vendo os circumstantes.

Olhe que está gente! Contenha-se, dona Leonarda!

A CONDESSA, baixo.

Modere-se, Pascacio!

TODOS, incitados pelo phisico-mór.

Viva o nosso alcaide-mór!

O ALCAIDE-MÓR.

Obrigado, meu povo! (A' mulher, com affectada ternura.) Minha querida condessa, digne-se dizer alguma coisa agradavel a esta boa gente. (Baixo.) Ainda temos contas que ajustar.

A CONDESSA.

Oh! que entusiasmo sente por ti o povo! Parece-me que te ama tanto como eu, meu adorado esposo. (Baixo, beliscando-o.) Pedaco de tratante!

TODOS.

Viva o nosso alcaide-mór!

O ALCAIDE-MÓR.

Obrigado, meu povo, obrigado. Nós e a condessa estamos devéras penhoradas por esses vivas... ou por outra, por essas vivas... demonstrações de affecto. (Aparte.) Este diabo não me deixa pôr pé em rama verde! (Alto.) Creiam que a nossa unica preocupação é a prosperidade e o bem estar desta villa

TODOS, sempre incitados pelo phisico-mór.

Viva o nosso alcaide-mór!

A CONDESSA.

Sim, meus amigos, nosso marido só pensa em proporcionar ao povo agradaveis e generosas sorpresas. Agora mesmo acabou elle de me communicar que

resolve tomar, de vez em quando, a expensas suas, uma criança do povo, que se formará em humanidades na universidade do reino.

TODOS.

Viva o nosso alcaide-mór! (A condessa toma a esquerda, para conversar com as mulheres, e o alcaide-mór vae ter com o phisico-mór á direita.)

O ALCAIDE-MÓR, baixo ao alcaide.

Então? O que tens feito?

O PHISICO-MÓR.

Tenho lutado com mil difficuldades. As pequenas estão se fazendo de manto de seda!

O ALCAIDE-MÓR.

Pois não receberam a noticia de braços abertos?

O PHISICO-MÓR.

Qual! Ao contrario... Torceram o nariz... Emfim, vossa mercê julgará por si...

A CONDESSA, que se mette inesperadamente entre os dous.

Que fazes tu, meu queridinho? (Baixo.) Tramas alguma nova maroteira, pedaço de velhaco?

O PHISICO-MÓR, disfarçando.

O senhor conde pedia-me uma receita para os callos.

O ALCAIDE-MÓR.

E'; eu pedia-lhe uma receita para os callos. (Aparte.)
Tartaruga!

A CONDESSA.

Oh! fico tão sobresaltada quando soffres qualquer coisa! (Aparte.) Aqui anda historia... oh! mas hei de saber!

O ALCAIDE-MÓR, ao povo.

Adeus, meus filhos, nós continuamos o nosso passeio, em companhia da condessa. (A' mulher.) Vem, coração!

A CONDESSA, indo tomar-lhe presurosa o braço.

Aqui estou, meu amor. (Aparte.) Não me engano...

TODOS.

Viva o nosso alcaide mór!

O ALCAIDE-MÓR, a sahir, de braço dado á condessa.

Obrigado, meu povo, obrigado! (Baixo á mulher.) Carrapato!

A CONDESSA, baixo ao marido.

Libertino!

O ALCAIDE-MÓR.

Apre, que você é insupportavel!

A CONDESSA.

E então você, seu desavergonhado? (Não se ouve o resto.)

O PHISICO-MÓR, abysmado.

Que ditoso casal! que ternura!

THEREZA.

E é este ratão que...

SCENA III

OS MESMOS, menos o ALCAIDE-MOR e a CONDESSA,—BEIJA FLOR.

BEIJA-FLOR, entrando da esquerda.

Ainda bem que os encontro aqui! ¡Façam favor de me explicar um boato, que corre por ahí a respeito...

THEREZA, apontando para o phisico-mór.

Olha, ahí tens quem te póde pôr tudo em trocos miudos.

O PHISICO-MÓR.

Descança, meu rapaz, que a seu tempo tudo saberás. E' uma questão politica.

BEIJA-FLOR.

Ah! estou mais tranquillo. Tinham-me dito coisas... Mas vejo que nada tenho com isso. (Dando uma palmada no phisico-mór.) Não é assim, senhor licenceado?

O PHISICO-MÓR.

E', é, mas não batas no pulpito!

A VOZ DE CATHARINA.

Ai! ai!

BEIJA-FLOR.

Valha-me Deus! E' a voz de Catharina! (Correm todos para o fundo.)

SCENA IV

OS MESMOS, CATHARINA.

CATHARINA.

Ai ! ai ! Escondam-me !

THEREZA.

Mas donde vens tu assim ?

CATHARINA.

Venho do rio, não veem ?

TODOS.

Do rio ?!

CATHARINA.

Sim, estava a banhar-me, como de costume. Mas hoje sahi d'agua mais depressa do que nos outros dias.

Coplas

I

Eu banhava-me no rio,
No rio que corre alli ;
De repente um calafrio
Subir-me o corpo senti.
Um cavalheiro indiscreto
A' beira d'agua parou ;
Não sei qual fosse o objecto
Que a attenção lhe provocou.

Surgia a aurora no horisonte,
Tinha esplendores o arrebol ;
Talvez que o typo alli defronte
Apenas estivesse a contemplar o sol..

II

A' margem da correnteza
Elle ficou sem mugir,
Esperando—com certeza—
Do banho ver-me sahir.
Esquivei-me como pude
E vim correndo até cá ;
A lição foi muito rude...
Nunca mais voltarei lá.
Surgia a aurora no horizonte, etc.

THEREZA.

Tambem que mania esta de banhar-se de instante
a instante !

BEIJA-FLOR.

Bem feito. De hoje em diante terá mais cuidado
quando se metter no rio.

CATHARINA.

Eu não tive a culpa.

BEIJA-FLOR.

Sei cá si teve ! Eu é que não estou disposto a
casar com uma mulher que já foi vista no banho !

CATHARINA.

Apenas, como já disse, por um sujeito. E um su-
jeito que não é de cá. Um estrangeiro, um viajante...

BEIJA-FLOR.

Já sei, algum pelintra do reino. Pois vou ensinal-o ! (Sae vivamente por onde entrou Catharina.)

CATHARINA.

Onde vaes tu, Beija-flor ? Olha cá ! (A's outras.)
E foi-se !

THEREZA.

Eu—com franqueza—no seu caso faria o mesmo.

O PHISICO-MÓR, que tem estado a examinar Catharina
com a luneta.

Soberbo ! magnifico !...

MARIA.

Olha que Beija-flor é muito ciumento !

JOANNA.

Si não abrires os olhos...

O PHISICO-MÓR, apalpando os braços de Catharina.

Soberbo ! Soberbo !... O alcaide-mór deve ficar
satisfeitissimo !

CATHARINA.

Largue-me ! Ora esta ! Largue-me !...

O PHISICO-MÓR.

Desculpa, minha filha, desculpa ; mas cumpro o
meu dever.

CATHARINA.

Pois o seu dever é apertar-me os braços ? (Riem-se todos.)

O PHISICO-MÓR, entusiasmado.

És a mulher mais feliz de todo o Brasil ! Estás rica !

CATHARINA.

Rica ?!

O PHISICO-MÓR.

Podre de rica !...

CATHARINA.

Não percebo.

O PHISICO-MÓR.

Já vaes perceber. Preciso fallar-te em particular.

CATHARINA.

Mas solte-me ! (Sae-lhe das mãos.)

JOSEFA, baixo, a Catharina.

Cautela !

MARIA, idem.

Cuidado !

JOANNA, idem.

Sentido !

THEREZA, idem.

Olho vivo !

CATHARINA, attonita.

Heim ? O que ? (Ao phisico-mór.) O que deseja de mim o senhor licencado ?

O PHISICO-MÓR.

Desejo fazer a tua felicidade. (Segura-a de novo.)

CATHARINA, fugindo-lhe das mãos.

Obrigada ! Deixe-me !... (Sae, correndo, pela porta da cabana.)

O PHISICO-MÓR.

Vocês é que são as culpadas ! Sucia de tagarellas ! (Fazem-lhe troça.) Demais a mais, zombam de mim ! Ora esperem lá, suas atrevidas ! (Persegue-as com o bastão. As raparigas correm á volta da scena, a fazer surriada.)

THEREZA.

Olha o doutor ! (Dá-lhe uma pancada.)

MARIA.

Cuidado não lhe rebentem as presilhas !...

JOSEFA.

Olhe a perruca que não caia ! (Puxa-lhe pelo cabello.)

JOANNA.

Anda á roda, macaco ! (Saem pelo fundo, fazendo grande algazarra.)

SCENA V

O PHISICO-MOR, só.

Vadias ! Melhor seria que fossem cuidar de suas obrigações. Insolentes ! Faltarem-me ao respeito ! A mim, que fui sempre bem visto pelos maiores fidalgos da Côrte, e pelo meu augusto rei e senhor ! (Tira o chapéu.) O meu gosto era ensinal-as a todas

com este bastão! Desavergonhadas! Mas deixem estar, que lhes farei a cama. (Dirige-se á porta da cabana.) Vejamos, todavia, si consigo persuadir a pequena. (Bate á porta.) Catharina! O' Catharineta! Esta sempre teve melhor modo que as outras. (Bate de novo.) O' Catharineta! Vem cá, preciso dar-te duas palavras que te interessam.

CATHARINA, mostrando a cabeça por entre a porta.

O que deseja de mim?

O PHISICO-MÓR.

Preciso fallar-te. E' negocio serio.

CATHARINA.

Mais deixe-se daquellas brincadeiras de ainda ha pouco.

O PHISICO-MÓR.

Que brincadeiras! Aquillo não são brincadeiras! Eu exercia as minhas attribuições de phisico-mór. Homem, creio que na minha idade estou a coberto de qualquer suspeita...

CATHARINA, descendo ao proscenio.

Lá isso é verdade. O senhor licenceado já merece confiança.

O PHISICO-MÓR.

E sempre mereci. Nunca fui espirra-canivetes! Muito novo ainda, eu já leccionava latim ás donzellas do paço. Nunca tiveram que se queixar de

mim. Pois olha, havia muito com que peccar... (Outro tom.) Mas vamos ao que importa. O senhor alcaide-mór encarregou-me de escolher, dentre as raparigas mais reforçadas da villa, aquella que fosse de melhor conformação phisica, que tivesse o sangue mais esperto e a intelligencia mais prompta...

CATHARINA, ingenuamente.

Para que?

O PHISICO-MÓR.

Pois não adivinhaste?

CATHARINA.

Não, senhor.

O PHISICO-MÓR.

Valha-me a paciencia! (Já massado e como quem repete uma lição.) Trata-se de perpetuar o nome illustre de tão conspicuo varão.

CATHARINA.

Não entendo.

O PHISICO-MÓR.

Creio. Estas questões de alta politica são por demais transcendentas para uma rapariga de tua idade. Mas eu te explico. (Podes te chegar sem receio, que não te quero fazer mal.) O senhor alcaide é casado...

CATHARINA, prestando-lhe muita attenção.

Isso já sei. Adiante.

O PHISICO-MÓR.

Mas não tem filhos.

CATHARINA.

Tambem já sei.

O PHISICO-MÓR.

E precisa de um descendente como do pão para a bocca. E deseja que tu sejas a mãe desse filho!

CATHARINA.

Ah! agora entendo. (Aparte.) Quer tomar-me para ama secca.

O PHISICO-MÓR.

Si consentires, elle te arranjará, pelo menos, um alvará de nobreza.

CATHARINA.

Devéras? Mas eu não sei ser nobre...

O PHISICO-MÓR.

Ora não sabes! Tudo se aprende.

CATHARINA.

Mas seria preciso separar-me do meu Beija-flor! Nada, não quero!

O PHISICO-MÓR.

Quem te fallou em separação? Casarias com elle da mesma fórma.

CATHARINA.

Ah! isso agora muda de figura! Aceito.

O PHISICO-MÓR.

De simples barbeiro, teu noivo passará a ser... mordomo, por exemplo, ou coisa ainda melhor!

CATHARINA.

Que bom! Beija-flor deixará de fazer a barba aos outros...

O PHISICO-MÓR.

Para que os outros lh'a façam a elle.

CATHARINA.

Vou já d'aqui communicar-lhe tudo. Ha de ficar muito contente.

O PHISICO-MÓR.

Mas espera, minha filha; vê lá o que vaes fazer! Convem que Beija-flor...

CATHARINA.

Ah! póde ficar descansado. Eu saberei convencel-o. Si fôr preciso, ameçal-o-hei com uma recusa.

O PHISICO-MÓR.

Bravo! bravo! Parece que te estou vendo fidalga!
(Tira um cartão do bolso e escreve a lapis.)

CATHARINA.

Fidalga! Oh, meu Deus! como serei feliz!

O PHISICO-MÓR.

Olha, dá um pulo ao palacio, e entrega este bilhetinho ao senhor alcaide-mór. Só a elle.

CATHARINA.

Sim, senhor licenceado. Até logo!

PHISICO-MÓR.

Espera ahí. (Tomando-lhe a mão com muita galanteria e fazendo-lhe uma mesura á côrte.) Baroneza...

CATHARINÁ, idem.

Cavalheiro... (Sahindo a rir.) Ah! Ah! Ah!

O PHISICO-MÓR, só.

E não é que ella tem geito? Ah, que si se realisam os planos do alcaide-mór, sempre são trezentos cruzados de renda e a patente de alferes, que me caem no papo. Elle, sem dúvida, ficará satisfeito com a portadora do bilhete, e pasmará da facilidade com que encontrei rapariga ao pintar da faneca!

SCENA VI

O PHISICO-MOR, o CAPITÃO-GENERAL.

O CAPITÃO-GENERAL, embuçado.

Não ha dúvida: a pequena embarafustou por aqui. (Procurando.) Onde diabo se teria ella mettido? (Vendo o phisico-mór.) Oh!

O PHISICO-MÓR, aparte.

Quem será?

O CAPITÃO-GENERAL, reconhecendo-o.

Mas não me engano! E' o Salsaparrilha! (Descobre o rosto.)

O PHISICO-MÓR.

Oh! o senhor capitão-general!!... (Comprimentando-o humildemente.) Um servo de vossa excellencia...

O CAPITÃO-GENERAL.

Cahio-me a sopa no mel. Estimei muito encontral-o, porque 'desejo confiar-lhe uma commissão melindrosa, melindrosissima.

O PHISICO-MÓR.

Vossa excellencia ordena...

O CAPITÃO-GENERAL.

Trata-se de fazer a sua fortuna. Terá uma renda de quinhentos cruzados e a patente de sargento-mór.

O PHISICO-MÓR, aparte.

Cobrio o lance do alcaide-mór. Agarro! (Alto.) Sempre ás ordens de vossa excellencia.

O CAPITÃO-GENERAL.

Quero perpetuar o nome illustre e gloriozo dos meus antepassados.

O PHISICO-MÓR, aparte.

E' uma epidemia!

O CAPITÃO-GENERAL.

Nunca mais terei filhos. Tenho minhas razões para acreditar-o. Desejo, portanto, descobrir um, que me nasceu ha desoito annos, em Pernambuco, e deve existir nestas paragens. Nunca fiz caso d'elle; hoje, porém, quero encontral-o, custe o que custar.

O PHISICO-MÓR.

Mas... sem um indicio?

O CAPITÃO-GENERAL.

Ha, ha um indício. Mandei abrir nas costas da criança uma flor de liz,

O PHISICO-MÓR.]

Uma flor de liz ?

O CAPITÃO-GENERAL.

Hoje, passeando por aquelle lado, descobri uma flor, gravada, pelo mesmo processo, na espadua de uma rapariga que se banhava no rio.

O PHISICO-MÓR.

Catharina ?

O CAPITÃO-GENERAL.

Conhece-a ? Tanto melhor. Apodere-se dessa rapariga e conduza-a para uma cabana que mandei construir alli, para aquelles lados. Para auxiliá-lo nesse rapto, ficam á sua disposição quatro homens do meu serviço.

O PHISICO-MÓR, aparte.

E eu que a mandei ao alcaide ?

O CAPITÃO-GENERAL.

Veja lá ! quinhentos cruzados e a patente de sargento-mór.

O PHISICO-MÓR.

Convem entender-me com Catharina, antes que ella falle ao noivo.

O CAPITÃO-GENERAL.

Ah ! tem noivo ?

O PHISICO-MÓR.

Um pobre rapaz. Barbeiro.

O CAPITÃO-GENERAL.

Bem. Estamos entendidos. Nem palavra sobre o que fallámos. (Embuça-se e sae.)

O PHISICO-MÓR, só.

Quinhentos cruzados e a patente de... Agarro! O diabo é o bilhete que mandei ao alcaide! Si eu alcançasse ainda Catharina... Vejamos... (Sae apressadamente.)

SCENA VII

BEIJA-FLOR, CATHARINA.

BEIJA-FLOR, seguido por Catharina.

Deixa-me! Não quero ouvir!

CATHARINA.

Ciumento! Mau! Feio! Ha meia hora que me faz trotar atraz de si!

BEIJA-FLOR.

Nada! a historia do banho não me passa d'aqui!

CATHARINA.

Ingrato! Enquanto fugias de mim, eu tratava de fazer de ti um fidalgo, um grande homem!

BEIJA-FLOR.

Heim? O que é lá isso? (Aparte, assustado.) Aquelle boato... Isto que ella agora diz... Eu estouro!

CATHARINA.

O alcaide-mór quer que eu seja ama secca de um filho que elle ha de ter.

BEIJA-FLOR.

Ama secca? Quem te metteu similhante coisa em cabeça?! Prohibo-te que me toques nesse assumpto. E's uma tolerona!

CATHARINA.

Mas...

BEIJA-FLOR.

Nem mais palavra! Tu sabes lá o que desejam fazer de ti, minha simploria?—Que ingenuidade!...

CATHARINA, chegando-se meigamente para elle.
Eu....

Duetto

CATHARINA.

Porque ficaste zangado
Ao saber que um potentado
Ditosos nos quer fazer?

BEIJA-FLOR.

Oh, não! não te posso dizer!

CATHARINA.

Meu Beija-flor, és tão pobre :
Tens a protecção de um nobre
E zangado estás ; porque ?

BEIJA-FLOR.

Eu te amo e a ti só quero, crê.

CATHARINA.

Contra Deus accaso pecca
Quem se mette de ama secca
Do filho do alcaide-mór ?

BEIJA-FLOR.

Não m'o perguntas por favor !

CATHARINA.

Tu vês nisto algum perigo ?
Esse emprego
Bom acheço
E' para nós, meu amigo.

BEIJA-FLOR.

Viver ditoso a teu lado
E' quanto quero, ó meu amor !

CATHARINA.

Porque ficaste zangado
Ao saber que um potentado
Quer ser nosso bemfeitor ?

BEIJA-FLOR.

Oh, não ! eu não t'o digo
Não deve haver porora
Explicações entre nós dois.

Eu vou casar contigo ;
Tudo te direi depois.

CATHARINA .

Depois... Sabe Deus quando !
Porque és teimoso assim ?
Tem compaixão de mim !
Que raiva me estás dando !
Fique o segredo entre nós dois...
Si uma pergunta me fizesses,
A explicação que tu quizesse
Não ficaria p'ra depois.

Explica-me tudo

Por miudo ;

Diz' porque torces o nariz !
Sem carantonhas,
Quero que ponhas
Que ponhas os pontos nos is.

BEIJA-FLOR .

Ora porque torço o nariz !
Nada, de pontos nos is !
Podes comigo zangar-te,
Porém eu não devo dar-te
Uma resposta ; não vê !

CATHARINA .

Porque ?

BEIJA-FLOR .

Doe-me ver-te despeitada,
Mas não tenho, ó doce amada,
Explicação que te dê.

CATHARINÁ.

Porque?

BELJA-FLOR.

Vinham-te rosas á face,
Si eu accaso te explicasse
O desejado porque.

CATHARINA.

Porque?

Meu Beija-flor, dize porque!

BELJA-FLOB.

Não te posso dizer porque.
Oh, não! eu não t'o digo!
Não deve haver por ora
Explicações entre nós dois.
Eu vou casar contigo;
Tudo te direi depois....

CATHARINA.

Depois... E eu fico ás cegas!
A explicação, já sei,
Só a conseguirei
Lá p'r'as kalendas gregas!
Si o noivo meu, entre nós dois,
Alguma coisa me pedisse,
Embora fosse uma tolíce,
Não lhe diria que depois.
Explica-me tudo, etc.

BELJA-FLOR, fugindo-lhe.

Nada! Nada! Só depois do nosso casamento poderei explicar-te tudo. O que te affianço é que desisto, si aceitas o que te propõe o alcaide! (Sae vivamente.)

SCENA VIII

CATHARINA, depois o CAPITÃO-GENERAL.

CATHARINA, procurando deter Beija-flor.

Beija-flor ! Beija-flor ! Espera um instante !

O CAPITÃO-GENERAL, sahindo ao seu encontro.
Espera tu !

CATHARINA.

Oh ! o cavalheiro do rio !

O CAPITÃO-GENERAL.

Até que te pilhei, minha sereia ! Ha uma hora
que te procuro !

CATHARINA.

Que diz, senhor ? Si Beija-flor o ouvisse !

O CAPITÃO-GENERAL.

Beija-flor é o teu namorado ?

CATHARINA.

O meu noivo.

O CAPITÃO-GENERAL, tomando-lhe um braço.

Como és bonita !

CATHARINA.

Mau, mau ! Solte-me, que elle é muito ciumento.

O CAPITÃO-GENERAL.

Não julgues mal de minhas intenções. Trata-se
de uma questão de alta politica.

CATHARINA.

Ah ! já sei, uma historia de um filho, uma historia de levar-me para o palacio e fazer-me fidalga.

O CAPITÃO-GENERAL.

Como ?! Já sabes ?

CATHARINA.

O senhor licenceado já me fallou.

O CAPITÃO-GENERAL.

Ah !

CATHARINA.

Mas Beija-flor não está pelos autos, e eu, para lhe dizer a verdade, não sei em que consistirá o meu emprego no palacio. Si o senhor m'o podesse dizer... Estou em branco e doidinha por saber.

O CAPITÃO-GENERAL, aparte.

Adoravel ! (Alto.) Primeiramente, conta-me a historia desse signal que tens na espadua.

CATHARINA, com pudor.

Ah ! vio ?

O CAPITÃO-GENERAL.

De relance. Interesse-me pela historia dessa flor.

CATHARINA.

E' um gyrasol.

O CAPITÃO-GENERAL.

Um gyrasol ? Tão pequenino ?

CATHARINA.

Ah, sim, é um gyrasol em ponto pequeno.

Coplas

I

No campo, uma tarde, cançada.
Minha mãe no chão se deitou ;
Alli, na gramma avelludada,
O melhor leito improvisou.
Quando meu pae, preocupado,
Foi ter com ella ao pôr do sol,
Ella accordou ; vio-o a seu lado,
E os olhos poz n'um gyrasol.

Meu pae a minha mãe dizia,
E minha mãe m'o repetia:
Que linda flor é o gyrasol,
Que gyra, gyra como o sol!

II

E quando a mãe voltou p'ra casa,
A sorrir disse-lhe a vovó:
A face, filha, tens em braza,
Da lida vens, que mettes dó.
Durante um anno a mãe lembrou-se
Daquella flor, ao pôr do sol,
—Ahi está porque na espadua trouxe
Quando nasci, um gyrasol.

Meu pae a minha mãe dizia, etc.

O CAPITÃO-GENERAL.

Si quizeres, dentro em poucos dias, serás a rainha do meu palacio!

CATHARINA.

Rainha ?

O CAPITÃO-GENERAL.

Sim, nada te faltará. Terás sedas, velludos, car-roagens, creados e joias, muitas joias ! Serás minha filha ! (Despindo a capa.) Eu sou o capitão-general !

CATHARINA, retrahindo-se.

O capitão-general ?!

CAPITÃO-GENERAL.

Que só deseja fazer de ti uma filha, e isto mesmo porque não póde fazer de ti um filho.

CATHARINA.

Que trapalhada ! Um quer que eu seja mãe e o outro filha !

O CAPTÃO-GENERAL.

Ouve agora tu...

Coplas

I

No meu palacio irás morar,
E nada alli te ha de faltar !
Só pisarás ricos tapetes
E sumptuosos tamboretos !
N'um grande leito dormirás,
Que ao proprio Deus inveja faz !

Terás vestidos elegantes
E alguns ad'recos de brilhantes ;
Muitos lacaios de libré
Que te hão de até beijar o pé !

Ora aqui tens o que te dou :
Vê lá si de teu gosto sou.

II

Serás a dama mais feliz
De quantas ha nestes Brasis !
Mal os teus dotes aproveites,
Mal te arrebiques e te enfeites,
V'rás o poder de que dispões,
Pois és mais linda que suppões !
Provocarão teus atavios
Os mais pomposos elogios ;
Vassallos mil te beijarão
Esta mãosinha de algodão.

Ora aqui tens o que te dou ;
Vê lá si de teu gosto sou...

CATHARINA.

Nada disso me explica o que eu desejo saber.

O CAPITÃO-GENERAL, indo ao fundo, aparte.

Diabo ! E' Leonarda que se aproxima. Si me encontra aqui, está o caldo entornado. (Embuça-se de novo na capa. Alto.) Minha filha, logo mais tudo te explicarei melhor. Voltarei ao cahir da noite. Só te peço uma coisa : não digas quem eu sou. (Sae.)

SCENA IX

CATHARINA, depois a CONDESSA, o PHISICO-MOR.

CATHARINA, só.

Macacos me mordam si percebo pitada de tudo isto! —A condessa! (Encosta-se á cabana. A condessa e o phisico-mór entram, conversando.)

O PHISICO-MÓR, aparte.

Eu conto-lhe os planos do marido. E' o unico meio de me desembaraçar do meu compromisso.

CONDESSA.

Mas, como ia dizendo o senhor licenceado, meu marido o encarregou de...

O PHISICO-MÓR.

De arranjar uma...

A CONDESSA.

Não deite mais na carta! Ah, senhor conde, senhor conde! não sabe em que se metteu!

O PHISICO-MÓR.

Oh, minha senhora! si soubesse que a impressionaria tanto a minha revelação, não a faria.

A CONDESSA.

Fez muito bem. Quero cortar os planos daquelle velhaco!

O PHISICO-MÓR.

Todavia, as intenções do senhor conde são muito boas. O seu desejo é continuar o nome illustre de seus...

A CONDESSA.

Oh! não o conhece! ninguem ha como elle para arranjar uma desculpa.

O PHISICO-MÓR, mostrando Catharina.

Olhe, senhora condessa: é aquella a rapariga escolhida.

A CONDESSA.

Tão nova, e presta-se a isso?! Em que tempo estamos nós, meu Deus!...

O PHISICO-MÓR.

Ella, coitadinha! é innocente como um passaro. Sabe lá do que se trata!

A CONDESSA, aparte.

Ah! mas é a pequena que conversava ha pouco com Viriato. Ter-me-ia eu enganado? (Alto, a Catharina.) Minha filha, vem cá.

CATHARINA, aproximando-se e cumprimentando.

Minha senhora... (O phisico-mór afasta-se.)

A CONDESSA.

Dize-me francamente: com quem conversavas tu quando eu cheguei?

CATHARINA .

Eu... eu fallava com um estrangeiro.

A CONDESSA .

Um estrangeiro ! Vamos lá ! Tu não sabes quem é aquelle homem ?

CATHARINA, intimidada.

Sei, sei, mas pelo amor de Deus não diga que fui eu quem...

A CONDESSA .

Não direi, si me confessares o que conversavam com tanta intimidade...

CATHARINA, abaixando os olhos.

Elle explicava-me ao certo o que o senhor alcaide-mór deseja de mim.

A CONDESSA .

Como ? pois era isso o que elle te explicava ?

CATHARINA .

Era, mas não cheguei a saber, porque a senhora condessa appareceu e...

A CONDESSA .

Pois agradece-me o ter apparecido. (Aparte.) Aquelle Viriato ! não sei quando terá juizo !

CATHARINA .

Si a senhora condessa quizesse explicar o que é...

A CONDESSA, aparte.

E' tão innocente ! (Alto.) Nada te posso explicar.
Vae-te embora.

CATHARINA, aparte.

Ainda não foi desta vez... (Faz uma grande mesura e sae, correndo.)

SCENA X

O PHISICO-MOR, a CONDESSA.

A CONDESSA.

Ouvio, senhor licenceado ?

O PHISICO-MÓR.

A senhora condessa não me ordenou que ouvisse...

A CONDESSA.

E' preciso, a todo transe, destruir os projectos de
meu marido.

O PHISICO-MÓR.

A senhora condessa é a unica que o póde fazer.

A CONDESSA.

Mas de que modo ?

O PHISICO-MÓR, com mil reservas.

Com uma gota deste liquido.

A CONDESSA, recuando.

Veneno ?!

O PHISICO-MÓR.

Qual veneno! E' um elixir de minha invenção, extrahido desta opulenta flora brasileira. Póde dar-lh'o a beber sem receio. (Dá-lhe o frasquinho.)

A CONDESSA.

Affiança então que...

O PHISICO-MÓR.

Que depois de haver tomado essa droga, o senhor alcaide-mór não a poderá atraiçoar.

A CONDESSA.

Pois bem, muito agradecida, senhor licenceado. Hei de recompensar a sua dedicação. Até logo, e lembre-se de que toda a discrição é pouca.

O PHISICO MÓR.

E' ociosa a recommendação. (Curva-se com respeito; a condessa sae.)

SCENA XI

O PHISICO-MOR, depois o ALCAIDE-MOR.

O PHISICO-MÓR, só.

Muito bem! Desta fórma fico livre do alcaide-mór, e posso agarrar com as mãos ambas o offerecimento do capitão-general: quinhentos cruzados e o titulo de sargento-mór... Cáspite!

O ALCAIDE-MÓR, entrando apressadamente.

Até que te encontro! Recebi a tua comunicação. Fiquei encantadissimo com a pequena, mas o diabrete não me deu tempo...

O PHISICO-MÓR.

Sabe, senhor alcaide-mór? Começam a apparecer suas difficuldades...

O ALCAIDE-MÓR.

Difficuldades?! Dou-te mil cruzados de renda e faço-te secretario geral da capitania!...

O PHISICO-MÓR, aparte.

Cobrio o lance do capitão-general! Eu agarro! (Alto.) Sim, mas, apesar de todas as difficuldades, pôde vossa mercê contar com o triumpho. (Aparte.) Substituirei o frasquinho que dei á condessa. (Alto.) Não ha tempo a perder. Vou dar providencias. Com sua licença, senhor conde...

O ALCAIDE-MÓR.

Vê lá o que fazes! E' preciso que a illustre raça dos Pascacio não acabe como a de qualquer Manoel de Soisa.—Vae. (O phisico-mór comprimenta o sae.) Douos coelhos de uma cacheirada: perpetúo a minha estirpe e goso dos affagos dessa linda Catharina, cuja presença me accendeu no peito uma nova mocidade! Oh! sinto-me outro!

SCENA XII

O ALCAIDE-MOR, THEREZA, JOSEFA, JOANNA,
que entram do fundo, de mãos dadas e cabisbaixas.

O ALCAIDE-MÓR, vendo-as, comsigo.

Oh! que enxame de rôlas! Ah, já sei! Cum-
prem a ordem, que lhes enviei pelo licenceado, de
virem á minha presença. Como me obedecem! aposto
que cada uma dellas morre por ser a preferida! mas
tarde piaram: Catharina apanhou o logar. (Alto, ás
raparigas) Approximem-se. (Obedecem.) Antes de mais
nada: conhecem a lenda da illustre casa dos Pascacio?
—Respondam!

TODAS.

Não, senhor.

O ALCAIDE-MÓR.

Nesse caso, ouçam e meditem. E' a historia dos
meus avós.

Coplas

I

Si contra os povos da Mourama
Tiveram rasgos de valor,
Lograram inda maior fama
A ferir batalhas de amor.
Tremem faziam sarracenos,
Amedrontavam hespanhóes;
Mas tanto a Marte como a Venus
Sacrificavam taes heróes.

«Um Deus no ceu, um rei na terra»
 Eis a divisa que ficou.
 Bofé ! nem no amor, nem na guerra,
 Bandeira nenhum delles arreiou !

II

Nos tempos da cavallaria
 —Bom par de seculos lá vae—,
 De um tal do povo a voz dizia
 Que fôra oitenta vezes pae.
 Um outro, dos mais atrevidos,
 Cercado o seu castello vio
 Por uma nuvem de maridos
 Qué elle fizera... porém, pscio...

«Um Deus no ceu, um rei na terra» etc.

Bem ; agora que já conhecem a lenda dos meus
 avós, digam-me cá: examinou-as o licenceado ?

TODAS.

Examinou-nos ; mas disse que não servimos.

O ALCAIDE MÓR.

Peior ! Falle cada uma por sua vez ! (Depois de um
 silencio.) Então ? Agora todas se calam ?

MARIA.

O senhor licenceado achou que todas nós somos
 defeituosas.

O ALCAIDE-MÓR.

Sinto muito dizer-lhes, minhas filhas : não servem.
 Resignem-se. (A Josefa.) Mas qual é o teu defeito ?

JOSEFA.

Sou surda.

O ALCAIDE-MÓR.

Mas ouves sempre alguma coisa ?

JOSEFA.

Não, senhor. Saiba vossa mercê que não ouço absolutamente nada.

JOANNA.

Eu cá fui mordida por um cão damnado.

O ALCAIDE-MÓR, recuando.

Oh, diabo ! (Tomando Thereza pela mão.) Ah, mas esta não tem o que se lhe diga...

THEREZA.

Engana-se, meu fidalgo, sou muda.

O ALCAIDE-MÓR.

Muda ?

THEREZA.

De nascença.

O ALCAIDE-MÓR.

Pobre rapariga ! Bem ! podem ir, tenham paciência...

THEREZA, aparte.

Livres !

TODAS.

Senhor alcaide-mór... (Comprimentam e saem.)

SCENA XIII

O ALCAIDE-MOR, depois CATHARINA

O PHISICO-MÓR, só.

Catharina, essa não tem defeito algum ! E' ideal !

CATHARINA, entrando, consigo.

E Beija-flor não apparece ! (Vendo o alcaide-mór.) Ah !

O ALCAIDE-MÓR.

Ella !

CATHARINA, querendo sahir.

Perdão, ando á procura de meu noivo.

O ALCAIDE-MÓR.

Espera, preciso fallar-te. Porque ainda ha pouco fugiste daquelle modo ?

CATHARINA.

E' que vossa mercê me deitava uns olhos...

O ALCAIDE-MÓR.

Tiveste medo de mim ?

CATHARINA.

Confesso que tive.

O ALCAIDE-MÓR.

Pois olha que, si te quiz deter, foi para o teu bem.

CATHARINA.

Bem sei, o senhor licenceado já me havia dito, mas...

O ALCAIDE-MÓR.

Mas... ?

CATHARINA.

Mas meu noivo não consente...

O ALCAIDE-MÓR.

E tu ?

CATHARINA.

Eu, por mim, consentia; sempre gostei de crianças...

O ALCAIDE-MÓR.

E então ?

CATHARINA.

Mas por coisa alguma sacrifico o meu noivo.

O ALCAIDE-MÓR, aparte.

E' adoravel !

CATHARINA.

Si vossa mercê fizesse o favor de me explicar em que consiste o meu emprego em sua casa...

FINAL

CATHARINA.

Eu cá por mim aceito tudo,
E prompta estou para o servir ;
Mas Beija-flor, que é cabeçudo,
De modo algum quer consentir ;
Põe-se a chorar, põe-se a carpir...
Ou doido está, ou me eu illude !

O ALCAIDE-MÓR.

Hei de obrigar-o a consentir !

CATHARINA.

E depois, um desconhecido,
Um fidalgo aqui me encontrou ;
Mundos e fundos me offertou
E a accitar estou resolvida.

O ALCAIDE-MÓR.

Hei de enforçar esse atrevido!
Alcaide-mór mostrar que sou!

CATHARINA.

Saber desejo sem demora
Em que consiste o meu emprego.

O ALCAIDE-MÓR.

Eu d'explicar-t'o me encarrego.

CATHARINA.

Pois me penhora;
Sim, porque estou em branco,
Pois Beija-flor não quiz ser franco;
Poz-se a chorar, poz-se a carpir,
E por mais... por mais que eu pedisse,
O teimoso nada me disse.
Poz-se a chorar, poz-se a carpir,
De modo algum quiz consentir!

O ALCAIDE-MÓR.

Hei de obrigar-o a consentir!

CATHARINA.

Meu bom senhor, saber desejo
Em que consiste emprego tal.
Inda o não sei: segundo vejo,
E' coisa muito especial.

O ALCAIDE-MÓR.

Meu doce amor, dizer desejo
Em que consiste emprego tal.

Curiosa estás, pelo que vejo...

Acho isso muito natural.

(Approximando-se c'ella.)

Olha: eu te aperto esta mãozinha...

CATHARINA.

Stá bem. Depois ?

O ALCAIDE-MÓR.

E esta cintura...

CATHARINA.

Stá bem. Depois ?

O ALCAIDE-MÓR.

Oh, que innocente creatura !

SCENA XIV

O ALCAIDE-MOR, CATHARINA, BEIJA-FLOR,
depois os CÔROS, em cujo numero THEREZA, etc.
e a CONDESSA.

BEIJA-FLOR, espavorido

Catharina

Em companhia de um senhor !

Reconhecendo-o.) E' o senhor conde ! Oh, que tortura !

O ALCAIDE-MÓR, aparte.

Eu nunca vi tanto candor.

CATHARINA.

Stá bem. Depois ?

O ALCAIDE-MÓR, aparte.

(Alto.) Quanto ella é pura !
Chega-te a mim, não tenhas medo...
Tranquilla está, que não me excedo.

CATHARINA.

Si assim é preciso...

O ALCAIDE-MÓR.

E', pois não !

CATHARINA.

Sou toda ouvidos.

O ALCAIDE-MÓR.

Coração !

BEIJA-FLOR, desesperado, ao fundo.

Assombra tanta falsidade !
Que negro monstro de maldade !

O ALCAIDE-MÓR.

Chega-te a mim sem receio,
Presta-me toda a attenção.

CATHARINA.

Mas porque tanto rodeio,
Porque tanta hesitação ?
Eu inda estou em branco, etc.

BEIJA-FLOR.

Oh, que tormento a me pungir !
Eu não lhe posso resistir !

(Reanimando-se.)

Como sahir desta dansa ?

Oh, que lembrança!

(Vae ao fundo, faz signaes para fóra, gritando: Viva o nosso alcaide-mór!
Os córos entram precipitadamente.)

CÔRO.

Viva o nosso alcaide-mór!

Que bella auctoridade!

Que archanjo de bondade!

Não ha, não ha melhor !...

(Gritando.) Viva o nosso alcaide-mór !..

O ALCAIDE-MÓR, aparte.

Tal canalha não se atura!

Deitam-me agua na fervura!

(Alto.) Eu, conde dom Pascacio,

Alcaide-mór deste logar,

Amanhan dou no meu palacio

Uma festança popular.

CÔRO.

De certo vae nos convidar!

O ALCAIDE-MÓR.

Nenhum de vós ha de faltar,

Para pular, folgar, dansar!

CATHARINA.

Pôr mais na carta não precisa;

Póde contar com todos nós.

O ALCAIDE-MÓR.

E não se esqueçam da divisa.

Herdada um dia aos meus avós...

CATHARINA.

«Um Deus no ceu, um rei na terra»
Eis a divisa que ficou !

CÔRO GERAL.

Bofé ! nem no amor, nem na guerra,
Bandeira nenhum delles arreiou.

ACTO SEGUNDO

Sala, no palacio do alcaide mór, preparada para uma festa. Ao fundo, parque, com iluminação. Portas lateraes, uma das quaes com um postigo disfarçado. As paredes são todas ornadas de velhos retratos a oleo, representando os avós do alcaide-mór. Quadro alegre e festivo.

SCENA PRIMEIRA

O SARGENTO-MOR, THEREZA, MARIA, JOANNA,
JOSEFA, GUARDAS, PAGENS, depois BEIJA-FLOR,
CATHARINA.

CÔRO GERAL.

Oh, que festa

Do bom tom !

Tudo presta,

Tudo é bom !

Bambinellas

E festões,

Arandellas

E balões !

BEIJA-FLOR e CATHARINA, apparecendo, receiosos.

Deve-se entrar ?

Receio muito uma cilada.

O senhor conde não me agrada...

Eis-me a tremer, eis-me a hesitar !

BEIJA-FLOR.

Adêus! Saberei defender-te
Do tal senhor alcaide-mór!
Não se ha de rir á minha custa,
Porque esta mão forte e robusta
Defenderá o meu amor.

AMBOS.

Vamos entrar
Sem hesitar.

CÔRO.

Oh, que festa
Do bom tom!
Tudo presta,
Tudo é bom!

(No fim do canto, Beija-flor e Catharina acham-se no proscenio.)

CATHARINA.

Ellas tinham razão. Principio a desconfiar que tudo isto não terá bom fim.

BEIJA-FLOR.

Sabe Deus o que nos espera neste palacio infernal!

CATHARINA.

E si deitassemos a fugir ?

BEIJA-FLOR.

Seríamos agarrados e rigorosamente punidos.

CATHARINA.

Lançar-nos-íamos aos pés do alcaide-mór.

BEIJA-FLOR.

Então vá lá ! Fugamos ! (Sobem ao fundo.)

O SARGENTO-MÓR, gritando, do fundo.

A postos ! Ahí vem sua mercê, o senhor conde dom Pascacio, alcaide-mór, etc. e tal !

BEIJA-FLOR, a Catharina.
E' tarde !

CATHARINA, a Beija.flor.

Vê como tremo...

A VOZ DO ALCAIDE-MÓR.

Veja o que faz, condessa !

A VOZ DA CONDESSA.

Faço isto ! (Ouve-se estalar uma bofetada, acompanhada de um grito do alcaide-mór.)

O SARGENTO MÓR.

Como se amam !

SCENA II

OS MESMOS, o ALCAIDE-MOR, a CONDESSA.

O ALCAIDE-MÓR, á condessa.

Contenha-se, dona Leonarda !

A CONDESSA.

Você faz-me perder as estribeiras!

O SARGENTO-MÓR, aos guardas.

Apresentar armas! (Os guardas obedecem.)

TODOS.

Viva o nosso alcaide-mór!

O ALCAIDE-MÓR, baixo, á condessa.

Olhe que não estamos sós.

A CONDESSA, baixo, ao marido.

Veja como se porta!

TODOS.

Viva o nosso alcaide-mór!

O ALCAIDE-MÓR.

Obrigado, meu povo. Como tudo isto me comove! O respeito, a disciplina, o amor... Sinto-me perfeitamente feliz! (Aparte, indicando a condessa.) O diabo é este carrapato... (Alto, á condessa, com muita amabilidade.) Está satisfeita, minha queridinha?

A CONDESSA.

Oh, muito satisfeita! E vossa mercê, meu queridinho?

O ALCAIDE-MÓR.

Eu estou sempre bem no meio dos meus fieis e dedicados amigos, e ao lado da minha terna e submis-

sa mulhersinha. (Com mais amabilidade.) Entretanto, si a condessa prefere tomar um pouco de ar lá fóra... Está tanto calor aqui!

A CONDESSA, baixo.

Queres ver-me pelas costas, pedaço de tratante! (Alto, amabilissima.) Tanto incommodo, meu amigo... estou perfeitamente bem.

O ALCAIDE-MÓR.

Quanta amabilidade! (Aparte.) Não me deixa pôr pé em ramo verde!

A CONDESSA.

As vontades do conde são ordens para mim. (Baixo.) Sapo velho!

O ALCAIDE-MÓR.

Perereca! (Tomando a attitude solenne de um pregador.) Meus filhos, o nosso fim, reunindo-os hoje nesta pequena e modestissima festa popular, foi proporcionar-lhes alguns instantes de alegria. E' de antiga usança entre os varões da nossa illustre raça facultar diversões honestas e pacatas aos seus famulos e vassallos. Esse costume remonta aos godos e visigodos. Pois bem, nós e a nossa muito nobre e carinhosa esposa...

O SARGENTO-MÓR, gritando.

Viva a senhora alcaide!

TODOS.

Viva!

A CONDESSA.

Alto lá! Eu não sou alcaide!

O ALCAIDE-MÓR.

Silencio! (Ao sargento-mór.) E's um pedaço d'asno, sargento-mór! Cortaste-me o fio do discurso! (Continuando.) Sim, nós e a nossa muito nobre e carinhosa esposa, resolvemos... resolvemos...

BEIJA-FLOR, baixo a Catharina,

Aproveitemos e... (Menção de quem foge.)

CATHARINA, baixo.

Valeu! (Vão sahindo disfarçadamente.)

O ALCAIDE-MÓR.

Sim, resolvemos... (Reparando em Beija-flor e Catharina.) Mas onde vão aquelles dous?

CATHARINA e BEIJA-FLOR, voltando.

E' tarde!

O ALCAIDE-MÓR.

Approximem-se! Ahi! Colloquem-se defronte de mim. Vocês representam o povo e eu represento o nosso rei e senhor absoluto. (Tira o chapéu.) A senhora condessa, essa representa a dedicação, a doçura e a virtude conjugal.

A CONDESSA.

Obrigada. (Baixo.) Hypocrita!

O ALCAIDE-MÓR, baixo.

Cega-rega! (Continuando). Pois, meus servos fieis, meus dedicados famulos e famulas, brinquem! fol-

guem! dansem! Comam e bebam a fartar! A nossa dispensa e a nossa adega são duas tendas arabes: fartem-sé!

TODOS.

Viva o vosso alcaide-mór!

O ALCAIDE-MÓR.

Obrigado! obrigado!

BEIJA-FLOR, dirigindo-se respeitosamente ao alcaide, com Catharina pela mão.

Senhor alcaide, estamos muito agradecidos a vossa mercê; mas preferimos ir-nos embora. Temos muito que fazer.

O ALCAIDE-MÓR.

Nada. Ficam em nossa casa. Tomamol-os ao nosso serviço. Levamos a nossa magnanimidade ao ponto de consentir que se cazem para o mez que vem.

CATHARINA.

Mas é que...

BEIJA-FLOR.

Não quero aqui ficar!

O ALCAIDE-MÓR.

Pois bem, vae, podes ir. Ella fica.

CATHARINA.

Ïsso nunca!

BEIJA-FLOR.

Catharina dispensa semelhante honra.

O ALCAIDE-MÓR, impacientando-se.

Malcriado! Atrever-se a contrariar-me! (Aos guardas.) Não deixem sahir este maroto!

BEIJA-FLOR.

Mas Catharina é minha noiva!

O ALCAIDE-MÓR.

Si resistir, applicuem-lhe cincoenta vergastadas!

BEIJA-FLOR.

E' de mais! Eu perco-me, mas faço uma bernarda!...

O ALCAIDE-MÓR. avançando.

Atrevido! Insolente!... Prendam-o!

A CONDESSA, interpondo-se.

Domine-se, Pascacio!

O ALCAIDE-MÓR.

Deixe-me, senhora!

CATHARINA, segurando-se ao alcaide-mór.

Por quem é, perdõe! Tenha dó de nós!...

Sexteto e côro

BEIJA-FLOR.

Eu não desejo aqui ficar!
Pequeno sou, mas decidido!

CATHARINA.

Meu bom senhor, eis-me a chorar:
Não faças mal ao meu querido!

CÔRO.

Oh, que audacioso
De marca maior!
Deve furioso
Star o alcaide-mór!

O ALCAIDE-MÓR.

Ousam voltar-se contra mim!

O SARGENTO-MÓR.

Elle as manguinhas põe de fóra!

BEIJA-FLOR.

Ninguem aqui rirá de mim!

A CONDESSA.

Razão lhe dou.

O ALCAIDE-MÓR.

Bico, senhora!
(Aos guardas.) Segurem-me este vilão!

BEIJA-FLOR, ameaçando os guardas, que se movem.

Ai do primeiro que se atreva!

O SARGENTO-MÓR.

Um genio tal á forca o leva!

CÔRO.

Nós vamos ter complicação!

CATHARINA, ao alcaide-mór.

Vossa mercê não faça caso,
Desculpe o pobre Beija-flor.

O ALCAIDE-MÓR.

Zangado estou ! Vae tudo razo !
 Fez jus á forca o tal senhor !

(Empurrando Beija-flor.)

Anda, que em breve serás posto
 Em liberdade.

BEIJA-FLOR.

Oh, que desgosto !
 Quero morrer !

CATHARINA.

Meu bom senhor, tenha piedade !
 Para que o manda assim prender ?

A CONDESSA.

Já nada mais me falta ver !

O ALCAIDE-MÓR.

Recalcitrou: preso ha de ser.

(Declamando.) Silencio ! não quero ouvir mais lamurias ! Submettam-se ás minhas ordens, ou mando-os passar todos a fio de espada !

TODOS.

Viva o nosso alcaide-mór !...

CÔRO.

Oh, que festa
 Do bom tom, etc.

(No fim do côro, os guardas têm prendido Beija-flor em um dos quartos do lado. Catharina, a interceder perto do alcaide-mór, não vê onde o prendem. Os côros formam, durante este tempo, uma especie de cortejo e retiram-se. Só ficam em scena o alcaide-mór e a condessa.)

SCENA III

o ALCAIDE-MOR, a CONDESSA.

A CONDESSA, puxando-o.

Agora nós, meu grande finório ! Quero já, já, já a explicação de tudo isto ! Já !

o ALCAIDE-MÓR.

Prudencia ! senhora, prudencia ! (Aparte.) Ahi está o que eu receiava !

A CONDESSA.

Confesse até que ponto queria levar você o seu cynismo !

o ALCAIDE-MÓR.

Eu, dona Leonarda ? Isso é uma injustiça clamorosa !

A CONDESSA.

Ingrato !

o ALCAIDE-MÓR.

Eu lhe explico, minha amiga. Ha em tudo isto um fundo politico...

A CONDESSA.

Não percebo.

o ALCAIDE-MÓR.

E' que... sim...

A CONDESSA.

Vamos !

o ALCAIDE-MÓR, aparte.

Diabo ! Si lhe digo a verdade, estou perdido. (Alto. Sim, tudo isto é... é tactica. O meu intuito é fazer sentir a esses brutos o meu alto poder senhorial ; percebe ?

A CONDESSA, aparte.

Suppõe que me engana... (Alto, com ternura affectada.)
Jura que é verdade o que acabas de dizer.

O ALCAIDE-MÓR.

Juro. (A um sorriso da condessa.) Criança! Não sei quando deixarás de ser ciumento!

A CONDESSA, fazendo-lhe festinhas.

Si tu és tão seductor, maganão...

O ALCAIDE-MÓR, beijando-a, á pressa.

Bem, bem, mas repara que póde vir alguém. Até logo. (Aparte.) Corramos a Catharina!

A CONDESSA.

Olha lá, meu querido, não sejas mausinho para a tua mulhersinha, sim?

O ALCAIDE-MÓR,

Sim, sim. Adeus, minha rola!

A CONDESSA.

Adeus, mou rolo!

O ALCAIDE-MÓR, sahindo, aparte.

Rolo será ella. (Sae.)

SCENA IV

A CONDESSA, depois o PHISICO-MOR.

A CONDESSA, só.

Vae, vae, meu paspalhão. Eu cá te arranjarei. Ah! pensas que sou aqui um dous de paus?! Vaes ver!

O PHISICO-MÓR, entrando, aparte.

Teria ella dado pela troca dos frasquinhos ?

A CONDESSA.

Chegou a proposito, senhor licenceado: preciso fallar-lhe.

O PHISICO-MÓR.

O que temos, senhora condessa ?

A CONDESSA.

Meu marido insiste nos seus planos inconfessaveis. O tal elixir produzio effeito contrario. Só vendo como elle está !

O PHISICO-MÓR, aparte.

Isso sei eu ! (Alto.) E' a reacção ; os verdadeiros effeitos virão na occasião opportuna. Fique descansada a senhora condessa. Todavia, si quizer, podemos applicar-lhe uma nova doze.

A CONDESSA.

Não vá o remedio exercer uma acção eterna.

O PHISICO-MÓR.

Tranquillise-se ; os effeitos são transitorios.

A CONDESSA.

Nesse caso, vá buscar uma nova dose.

O PHISICO-MÓR.

Immediatamente. (Comprimenta. Sabindo, aparte.)
Apanho os mil cruzados ; são favas contadas ! (Sae.)

SCENA V

A CONDESSA, só.

Ah, senhor dom Pascacio, não sabe o que é uma mulher ultrajada ! Não sabe que existe na porta da prisão do pobre Beija-flor um postigo mysterioso, do qual só eu e o capitão-general temos o segredo. Quando me lembro que foi justamente esse postigo discreto (Aponta), que deu passagem ao capitão-general poucos dias depois do meu casamento... Meu marido partira para o reino, encarregado não sei de que commissão... Tremo sempre que me lembro disso ! Como uma falta influe em toda a existencia de uma mulher!... Oh ! mas Viriato era tão seductor... tão meigo... tão irresistivel...

Coplas

I

Lamento as minhas travessuras ;
 Arrependida ha muito estou,
 Porisso que—dessas loucuras
 Remorso eterno me ficou ;
 Eu, quando ás vezes saio á rua,
 Soffro o castigo mais atroz ;
 Toda a verdade nua e crua
 Ouço dizer a meia voz ...

«E' ella ! Lá vae a tal !
 Aquella famosa condessa
 Que é capitão-general!»

Não faço mais
 Asneiras taes !

II

Si advinhasse o que aqui sente (No peito)

Quem tal delicto commetteu,

Nenhuma esposa certamente

Enganaria o esposo seu.

Todos os dias nova affronta !

Supplicio eterno, atroz, sem fim !

Co' o dedo á filha a mãe me aponta,

E diz, olhando para mim:

«E' ella, etc.

Ahi vem meu marido. Quero evital-o. (Sae)

SCENA VI

o ALCAIDE-MOR, depois CATHARINA.

O ALCAIDE-MÓR, entrando.

Onde se terá mettido esta rapariga ? O noivo lá está em logar seguro. Nada, que si não fossem estas prerogativas, não valeria a pena abalar um magistrado para as Americas... Bem sei que todos andamos cá fóra da lei, e que isto é terra sem rei nem roque, onde um alcaide-mór é senhor de baração e cutello ; mas, ora adeus ! por menos não vale o-degreo. (Vendo Catharina que entra preocupada e se retraho ao vel-o) Olé !...

CATHARINA.

Ah !

O ALCAIDE-MÓR.

Vem tá, pequena, não tenhas medo.

CATHARINA.

Beija-flor ? Onde está Beija-flor, senhor alcaide ?
Restitua-m'o, pelo amor de Deus !

O ALCAIDE-MÓR.

Isso depende de ti. O teu noivo está perfeitamente alojado naquelle quarto. (Indica.)

CATHARINA.

Ali ?

O ALCAIDE-MÓR.

Nada lhe faltará. Será tratado como um principe. Deve ali estar muito a gosto. Ninguem lá o irá incommodar.

CATHARINA.

Pois sim, mas eu queria-o antes ao meu lado.

O ALCAIDE-MÓR.

Depende de ti, repito. Só tu lhe podes abrir a porta da prisão.

CATHARINA.

Mas o que é preciso que eu faça ?

O ALCAIDE-MÓR.

Dá-me... uma recompensa...

CATHARINA.

Mas o que ha de ser ? Eu nada tenho de valor !

O ALCAIDE-MÓR.

Ora, procura bem que has de achar !

CATHARINA.

Triolets

I

Eu nada tenho que lhe dê,
 Não sendo um ar de minha graça.
 Eu não sei como o satisfaça...
 Eu nada tenho que lhe dê.
 Não sei, portanto, o que lhe faça...
 O que me diz vossa-mercê ?
 Eu nada tenho que lhe dê,
 Não sendo um ar de minha graça !

O ALCAIDE-MÓR.

Ora ! isso é modestia... Vê bem, vê bem !

CATHARINA.

II

Eu nada tenho que lhe dê ;
 Sou mesmo muito pobresinha...
 Veja que posição a minha :
 Eu nada tenho que lhe dê !
 Não hei de pedir á vizinha
 Um mimo p'ra vossa mercê...
 Eu nada tenho que lhe dê ;
 Sou mesmo muito pobresinha...

O ALCAIDE-MÓR, aparte.

E' um anjo de candura ! E' a innocencia personificada ! (Approximando-se della, com meiguice.) Eu quero que me dês....

CATHARINA .

O que ?

O ALCAICE-MÓR.

Que me dê... (Ouve-se grande bulha de tambores e cornetas. O alcaide-mór deixa immediatamente Catharina.) O que é isto ?! O que quer isto dizer ?!

SCENA VII

OS MESMOS, o SARGENTO-MÓR.

O SARGENTO-MÓR, apressado.

Senhor alcaide-mór, senhor alcaide-mór ! Acaba de chegar sua excellencia !

O ALCAIDE-MÓR.

Que excellencia ?

O SARGENTO-MÓR.

O senhor capitão-general !

O ALCAIDE-MÓR.

O capitão-general ! (Aparte). Diabos o carreguem !
(Alto). Folgo muito com a sua chegada.

CATHARINA, aparte.

E eu ainda mais.

O SARGENTO-MÓR.

O que ordena vossa mercê ?

O ALCAIDE-MÓR, atropalhado.

Reuna as guardas e mande-me os meus escudeiros.

O SARGENTO-MÓR, com uma continencia.

A's ordens de vossa mercê.

O ALCAIDE-MÓR.

E eu que já devia lá estar! (Sobe afflicto á scena.
A Catharina, apressado.) Um instante! Eu já volto!
(Sae loucamente.)

SCENA VIII

CATHARINA, depois a CONDESSA, BEIJA-FLOR.

CATHARINA, só, afflicta.

Oh, meu Deus! e eu sem ter quem me proteja!
O que será de mim e de Beija-flor?!

A CONDESSA, entrando.

Beija-flor está ali. (Indica.)

CATHARINA.

A senhora condessa!

A CONDESSA.

Sim, sou eu, a quem tu e teu noivo vão dever a
felicidade.

CATHARINA.

A senhora condessa vae nos fazer sáhir?

A CONDESSA .

Não, isso é impossível. Seriam apanhados. Vou fazer coisa muito melhor.

CATHARINA .

O que é ?

A CONDESSA .

Mais tarde o saberás ; mas convem que fiques no palacio com teu noivo.

CATHARINA .

Ora !

A CONDESSA .

Descança. Ficarão juntos.

CATHARINA, beijando-lhe a mão.

Juntos, oh, muito obrigada !

A CONDESSA .

Os agradecimentos depois. Por ora tratemos do mais urgente. (Toca um botão na porta da prisão de Beija-flor. Abre-se um postigo.) Sae !

BEIJA-FLOR, apparecendo.

Estou livre ? (Corre a abraçar Catharina.)

A CONDESSA .

Ainda não ; mas Catharina far-te-á companhia.

BEIJA-FLOR.

O que lhe teria succedido, coitadinha ?... Eu sou tão infeliz...

Tercetto

BEIJA-FLOR.

Sou desde o berço um desgraçado ;
Infeliz flor que ao vento cae ;
N'um lar de pobres engeitado,
Não conheci nem mãe nem pae.
Catharina, a fatalidade
Dos braços meus te arrebatou !
Oh, ceus ! a minha liberdade
Sabe Deus quanto te custou !

A CONDESSA.

Coisas aqui do arco da velha
Vão succeder ; mas, inda assim,
Si a pulga tens atraz da orelha,
Tranquillo está, fia-te em mim.
Deixa o receio que te agita,
Estanca a fonte dos teus ais,
Porque, apesar de tanta grita,
Não se passou nada de mais.

BEIJA-FLOR, declamando.

Mas não seria melhor que nos raspassemos ?

A CONDESSA.

De fórma alguma.—Convém que se escondam no palacio.

CATHARINA.

Ah, bem !

Vamos sem tugar
Nem mugir,

Vamos sem demora,
 Vamos procurar
 Um logar,
 Tenebroso embora,
 —Um logar em que
 Ninguém dê
 Co'a presença nossa,
 Onde o alcaide-mór,
 Sem pudor,
 Nos achar não possa.

A CONDESSA.

De vingança atroz
 Todos nós
 Teremos o goso ;
 Co'o juizo a arder
 —Hão de ver !
 Fica o meu esposo.

OS TRES.

Vamos sem tugar, etc.

BELJA-FLOR.

O palacio está todo cercado ! Onde nos devemos
 esconder ?!

CATHARINA.

Veja como tremo, senhora condessa !

A CONDESSA.

Fiem-se em mim, e deixem correr as coisas.
 (A Catharina.) Dá-me o teu manteu e a tua touca.
 (Catharina obedece. A condessa embrulha-se no manto e deita a

touca.) Prompta ! Agora, para a prisão ! (Conduz-os ao postigo, fal-os entrar e fecha-os, carreg: n lo no botão.)

SCENA IX

A CONDESSA, depois o ALCAIDE-MOR, depois o CAPITÃO-GENERAL, o PHISICO-MOR.

A CONDESSA, só.

Muito bem ! Vejamos agora qual de nós é o mais esperto, senhor meu marido ! (Apaga as velas e dirige-se para o lado opposto ao do postigo.) E' este o quarto que o velhaco destinára á pobre Catharina. Felizmente ha uma porta no fundo, por onde se póde fugir. (Vem entrando o alcaide mór, trazendo na mão uma lanterna farta-fogo.—Comsigo.) Eil-o que chega.

O ALCAIDE-MÓR.

E' ella ! (Approxima-se. A condessa dá uma volta rapida e apaga-lhe a lanterna. Ficam quasi ás escuras. A scena é apenas illuminada por um ou outro balão no fundo, que se conserva com luz.) Para reconhecê-la, bastava este movimento natural e brusco do pudor ! Oh, esta escuridão incendia-me ! Pscio... pscio... Catharina ! Sou eu ! Escuta, meu amor.—O sargento-mór cumprio exactamente as minhas ordens ; uma sentinella a cada passo. Tive de dar oitenta vezes o santo do dia para chegar até aqui...—Pscio, Catharina... (Conseguindo tomar-lhe uma das mãos.) Ah ! cá estás, heim ?... Vem cá, não fujas de mim, eu não te faço mal.—Que mãosinha ! Que dif-

ferença da mão de minha mulher! E' um velludo! (Beija-lh'a. A condessa escapa-se-lhe das mãos e entra no quarto destinado a Catharina.) Foi mesmo por seu pé metter-se na gaiola. (Percorrendo a scena em passos largos, declama n'um tom dramatico) Sombra respeitavel dos meus avós, manes dos meus antepassados, (Dirigindo-se aos retratos.) podeis afinal contemplar-me com orgulho! (Vae entrar, mas detem-se a espiar pela fechadura. O capitão-general e o phisico-mór apparecem silenciosamente ao fundo.)

O CAPITÃO-GENERAL, ao phisico-mór.

Dize-me onde ella está, e terás dous mil cruzados de renda e o posto de capitão-mór.

O PHISICO-MÓR, aparte.

Cobrio o lance do alcaide... Agarro! (Indica-lhe o quarto em que se acha a condessa.)

O CAPITÃO-GENERAL.

Os homens que te confiei onde estão? (O phisico-mór aponta para fóra.) Pois vae esperar-me com elles á porta do fundo daquelle quarto. Logo que eu t'a entregue, fal-a conduzir para o logar que já sabes. (O phisico-mór inclina-se e sae.)

O CAPITÃO-GENERAL, co'nsigo.

Este phisico não é moral.

O ALCAIDE-MÓR, deixando de espreitar.

Ella apagou a luz. Oh, pudor! Como me sinto feliz

neste momento! Minha mulher dorme, o capitão-general resomna, e eu... (Com resolução.) Entremos!

O CAPITÃO-GENERAL, que se tem aproximado, batendo-lhe no hombro justamente quando elle vae a entrar.

Olá!

O ALCAIDE-MÓR, voltando-se rapidamente.

Heim? Quem se atreve...?

O CAPITÃO-GENERAL, illuminando o rosto com uma lanterna furta-fogo que traz na mão.

Eu!

O ALCAIDE-MÓR.

O capitão-general! (Aparte.) Bonito!

O CAPITÃO-GENERAL.

O que fazia, senhor alcaide-mór?

O ALCAIDE-MÓR.

Eu? Eu nada, excellentissimo... Tomava fresco.

O CAPITÃO-GENERAL.

Mente!

O ALCAIDE-MÓR.

Esse vocabulo, senhor...!

O CAPITÃO-GENERAL.

Mente, repito! Vossa mercê ensaiava um attentado. Naquelle quarto está encerrada uma rapariga por quem me interesso. Não julgue que esse interesse seja a capa de um desejo perverso, não! Esses in-

stinctos deixo-os aos individuos da estofa de vossa mercê. Dê-me a chave daquelle quarto...

O ALCAIDE-MÓR, confundido.

Está aberto.

O CAPITÃO-GENERAL.

Bem, nada tem que fazer cá dentro. (Emquanto se dirige para o quarto, aparte.) Minha pobre filha! D'aqui a um quarto de hora estará em logar seguro. (Sae.)

SCENA X

O ALCAIDE-MOR, depois CATHARINA, BEIJA-FLOR.

O ALCAIDE-MÓR, só.

E esta, heim? Isto só a mim succede! E' demais! A minha vontade era metter os pés áquella porta e trazel-o lá de dentro pelas orelhas! (Ameaçando a porta.) Devasso! —Oh! uma idéa! O marido! Póde bem ser que elle... (Para o fundo.) Luzes! Tragam luzes! (Entra um pagem com um candelabro.—Ao pagem.) Retira-te! (Vae se dirigindo á porta da prisão de Beija-flor, olha para os retratos, pára e abre os braços.) Oh, meus avós, que tanto vos illustrastes desde o cerco de Astorga até o desastre de Alcacerquibir; desde a Palestina, com o conde dom Henrique, até os sertões de Angola, com dom Felippe I, bem vêdes: a culpa não é minha! Eu fiz quanto pude por honrar o vosso nome glorioso; mas contra a força não ha resistência. (Ajoelha-se.) Perdoae, perdoae, Pas

cacios de tantos seculos! (Levanta-se.) Vamos soltar o marido. (Abre a porta.—Admiradissimo.) O que quer isto dizer?!

SCENA XI

O MESMO, CATHARINA, BEIJA-FLOR.

CATHARINA e BEIJA-FLOR, entrando e lançando-se aos pés do alcaide-mór.

Perdão! Perdão, senhor!....

O ALCAIDE-MÓR.

Levantem-se, e expliquem-me tudo!

Tercetto

OS DOUS, ajoelhados.

Senhor, mereço compaixão!

O ALCAIDE-MÓR.

Juntos os dous! Estou pasmado!

OS DOUS.

Perdão! Perdão!

O ALCAIDE-MÓR.

E allí sosinho, despeitado,

O capitão-general!

OS DOUS.

Meu senhor, oh! não nos puna!

O ALCAIDE-MÓR.

Oh, que prazer, que fortuna !..
Eu folgo e folga a moral ! (Ergue-os.)

BELJA-FLOR.

Vossa mercé tem bastante,
De muito póde dispor ;
E eu só tenho a minha amante,
E eu só tenho o meu amor.

O ALCAIDE-MÓR.

Contente estou, que até não caibo em mim !
Eu nunca estive satisfeito assim !

OS DOUS.

E' bom signal estar assim contente !
Em santa paz nos deixa finalmente !

O ALCAIDE-MÓR.

Tenho rasão de estar assim contente !
Um caso tal de certo alegra a gente !

Ah ! ah ! ah ! ah !
Não ha que ver:
De riso vou morrer !

OS DOUS.

Não ha que ver:
Ditosos vamos ser !

O ALCAIDE-MÓR, a Catharina.

Agora sim, 'stás livre meu amor.

BEIJA-FLOR.

Bençams dos ceu sobre vós desçam.

O ALCAIDE-MÓR.

'Stá bem, 'stá bem, não me agradeçam!

BEIJA-FLOR.

Ah, meu senhor,
Quanto lhe deve o nosso amor!

CATHARINA.

I

Nós vamos ser muito felizes,
As magoas vamos esquecer;
Não mais dous grandes chafarizes
Os nossos olhos hão de ser.
Tudo á ventura nos impelle,
E nos promette amor sem fim,
Eu, a viver pertinho d'elle,
Elle, a viver juntinho a mim.

Mulheres ha sem pundonor;
O mundo está perdido;
Mas eu te juro, ó Beija-flor,
Mas eu te juro: o meu amor
Só ha de ser de meu marido.

BEIJA-FLOR.

II

Esconderei os meus affectos
N'alguma alegre solidão;

Longe de olhares indiscretos
'Stá mais a gosto o coração.
Quando voltarmos lá da igreja
—Marido eu e ella mulher—,
Ha de a todos causar inveja
O nosso modo de viver.

CATHARINA.

Mulheres ha sem pundonor, etc.

O ALCAIDE-MÓR, a Catharina.

Tu, minha pombinha innocente,
E's bem feliz ?

CATHARINA.

Inteiramente.

O ALCAIDE-MÓR, aparte.

Deve estar fulo o general !
Que bella lição de moral !
Contente estou que até não caibo em mim ! etc.

OS DOUS.

E' bom signal estar assim contente assim ! etc.

O ALCAIDE-MÓR.

Mas agora me lembro ! Com quem diabo estará ali mettido o capitão-general ? ! Elle, si não sae, é porque...

CATHARINA.

Eu sei quem lá está dentro.

O ALCAIDE-MÓR.

Quem é ?

CATHARINA.

Vossa mercê promette deixar-nos sahir immediatamente ?

O ALCAIDE-MÓR.

Vão ver. (Chamando.) Olá ! Affonso ! Martinho ! João Fernandes !

O 'SARGENTO-MÓR, apparecendo.

Vossa mercê ordena alguma coisa ?

O ALCAIDE-MÓR.

Espere ahi fóra: tem que conduzir estes dous pombinhos fóra de portas do palacio. Dou-lhes a liberdade. (O sargento-mór faz continencia e sae.)

OS DOUS, abraçando o alcaide-mór.

Obrigado ! Obrigada !...

O ALCAIDE-MÓR.

Mas hão de primeiramente dizer-me quem ali está com o capitão-general.

CATHARINA.

Vossa mercê promette não se zangar comnosco ?

O ALCAIDE-MÓR.

Prometto ; dize.

BEIJA-FLOR.

Pois bem, lá vae... E'...

O ALCAIDE-MÓR.

Então ?

OS DOUS, rapidamente.

E' a senhora condessa ! (Saem a correr.)

SCENA XII

o ALCAIDE-MOR.

Heim?! O que?! Minha mulher?! Ah, comprehendo tudo! N'um assomo de ciumes, deu a liberdade a Catharina e collocou-se em seu logar... Ah! Aqui d'el-rei! A's armas! Soccorro! A's armas! ás armas! ás armas!... (Ouve-se grande espalhafato de tambores e cornetas.)

SCENA XIII

o ALCAIDE-MOR, os CÓROS, o SARGENTO-MOR, depois o CAPITÃO-GENERAL, THEREZA, JOANNA, MARIA, JOSEFA, depois UM PAGEM.

Trazem luzes.

FINAL

CÔRO.

Para que tanta gritaria ?
Que quer dizer este motim ?
Eu cá julguei que a casa ardia !
Porque... porque gritar assim ?!

O ALCAIDE-MÓR, desvairado.

'Stá'ali dentro a condessa !

(Ao capitão-general, que entra.)

Fez muito mal,
Senhor capitão-general !

O CAPITÃO-GENERAL.

Quem lhe metteu isso em cabeça ?
Era Catharina,
Que já longe vae.

O ALCAIDE-MÓR.

Cath'rina ? Qual !
Não creio em tal,
Senhor capitão-general !

O CAPITÃO-GENERAL.

Por Cath'rina interessado,
Temendo vel-a fugir,
Para um logar reservado
Fil-a agora conduzir !

CÔRO.

Por Cath'rina interessado,
Temendo vel-a fugir,
Para um logar reservado
Fel-a agora conduzir.

O ALCAIDE-MÓR.

Cath'rina ? Não ha tal ! Ha pouco
Ella aqui estava ao lado meu !

O CAPITÃO-GENERAL.

Está louco !
Endoideceu !
Para longe mandei-a levar eu !
Descobrir aonde
Ella se esconde

Não procure,—quando não,
Exijo satisfação,
E vae desta p'ra melhor
O senhor alcaide-mór !

CÔRO.

Vae desta p'ra melhor,
Senhor alcaide-mór !
Por Cath'rina interessado, etc.

O ALCAIDE-MÓR.

Não ! não ! não era Catharina
Que estava ali naquelle quarto !

O CAPITÃO-GENERAL.

Essa insistencia já me afina !
De teima tal me sinto farto !

O ALCAIDE-MÓR.

Toda a certeza tenho
De tel-a visto aqui !
Minha palavra empenho !

O CAPITÃO-GENERAL.

Insistir tanto eu nunca vi !

CÔRO.

Insistir tanto eu nunca vi !

O PÁGEM, entrando, ao alcaide-mór,
Venho trazer uma noticia.

CÔRO.

Vamos lá ver esta noticia !

O PAGEM.

Cath'rina, meu senhor,
Fugio com Beija-flor !

O ALCAIDE-MÓR.

Então ? ! Eu bem dizia !

O CAPITÃO-GENERAL.

Oh, eu me vingarei ?

O ALCAIDE-MÓR.

Quantos successos n'um só dia !

O CAPITÃO-GENERAL.

Eu apanhal-os-hei !

(Aos guardas.)

Vamos montar a cavallo
E galopar sem parar,
Mesmo antes que cante o gallo !
E' partir sem mais tardar !
E' partir sem demorar !

UNS.

Vamos montar a cavallo, etc.

OUTROS.

Oh, que festa
Do bom tom !
Tudo presta,
Tudo é bom !

ACTO TERCEIRO

Floresta. A' direita, cabana; á esquerda, gruta meio escondida na folhagem. No fundo, montes n's quaes se perde o caninho em zig-zag.

SCENA PRIMEIRA

O PHISICO-MOR, SOLDADOS DO CAPITÃO-GENERAL.

Fazem sentinella á cabana. Só o phisico-mór está de pé e acordado, envolvido n'uma grossa capa e de espingarda ao hombro.

O PHISICO-MÓR, espreguiçando-se.

Estou inteiramente fóra de minhas attribuições! Eu, a fazer sentinella áquelle demonio da Catharina! Oh! mas a recompensa é de encher o olho, não ha dúvida! Dous mil cruzados e a patente de capitão-mór. Caspíte! (Depois de uma pausa.) E dom Pascacio? Ora! Posso lá receiar o alcaide-mór, estando, como estou, sob a protecção do capitão-general? (Os soldados vão pouco a pouco despertando.) Camaradas! Está ahi o dia. Nossa missão acha-se cumprida. Sua excellencia não póde tardar.

UM SOLDADO, levantando-se.

Elle deve estar satisfeito comnosco.

OUTRO.

A rapariga oppoz-se formalmente a seguir, mas nós amordaçamol-a e trouxemol-a á força.

OUTRO.

Rapariga! ella não me pareceu tão nova como isso! Achei-a um tanto pesada.

O PRIMEIRO SOLDADO.

Toda a mulher é pesada quando a gente a carrega ás costas.

O PHISICO-MÓR.

Bem, rapazes : pesada ou leve, cumprimos o nosso dever. Sua excellencia ordenou que Catharina fosse agarrada e conduzida para esta cabana. Foi o que fizemos.

O SEGUNDO SOLDADO.

O peor é que Thereza prometteu trazer o café, e nada de apparecer ! Ah ! fallae no mau...

SCENA II

OS MESMOS, MARIA, JOSEFA, JOANNA, THEREZA,
depois o CAPITÃO-GENERAL, a CONDESSA.

AS MULHERES, entrando, com cestas debaixo do braço...

Apparelhae o pau !—Bom dia, rapazes !

O SEGUNDO SOLDADO.

Mas a Thereza vem bem acompanhada !

THEREZA.

Estas amigas fizeram a fineza de me acompanhar. Não supponham já que foi por sua causa, seus vaidosos.

MARIA.

O que me traz é a curiosidade.

JOSEFA.

E duas.

JOANNA.

E tres.

THEREZA.

Que noticias me dão da pobre Catharina? (Vendo o phisico-mór.) Olá ! o cirurgião de espingarda ao hombro ! E' para despachar mais cedo os seus doentes ?

AS MULHERES e OS SOLDADOS.

Ah ! ah ! ah ! ah !...

O PHISICO-MÓR.

Está bem, nada de graçolas ! (Aparte.) Que figura faço eu aqui !

THEREZA.

Não se zangue, doutor Salsaparrilha, e tome lá uma chicara de café. (Servem café ao phisico-mór e aos soldados.)

O PHISICO-MÓR.

Vá lá, vá lá!

THEREZA.

Mas, afinal, meus senhores, dão ou não noticias de Catharina?

O SEGUNDO SOLDADO.

Está ali. (Mostra a cabana.) Beija-flor ficou no castello. (Tomando café.) Como está quentinho!

O TERCEIRO SOLDADO.

O que estranho é não ter sua excellencia apparecido durante a noite.

MARIA.

Ella então ficou só?

O PRIMEIRO SOLDADO.

Nós fizemos-lhe companhia cá de fóra. (Entra o capitão-general, embrulhado na sua capa do 1º acto.)

TODOS.

O capitão-general! (Tratam de apresentar armas.)

O CAPITÃO-GENERAL.

Silencio! Não quero espalhafato! (Ao phisico-mór.)
A prisioneira?

O PHISICO-MÓR, entregando-lhe uma chave.

Está ali. (O capitão-general vae abrir a porta. Apparece a condessa.)

A CONDESSA, correndo para o capitão-general.

Até que afinal! Faz favor de me explicar o que significa este rapto?

TODOS, menos o capitão-general.

A condessa!

O PHISICO-MÓR, aparte.

Como?! a condessa?! Lá se vae tudo quanto Martha fiou!

O CAPITÃO-GENERAL.

Fomos ambos victimas de um engano.

A CONDESSA.

De um engano?

O CAPITÃO-GENERAL.

E' verdade. (Aos soldados.) Retirem-se! (Ao phisico-mór.)
Volte d'aqui a pouco, que lhe preciso fallar.

O PHISICO-MÓR, aparte.

Estou enforcado... pelo menos. (Saem todos, menos o capitão-general e a condessa.)

SCENA III

O CAPITÃO-GENERAL, a CONDESSA.

O CAPITÃO-GENERAL.

Podemos fallar á vontade.

A CONDESSA.

Este contra tempo me poz fóra de mim! O que vae suppor meu marido?

O CAPITÃO-GENERAL.

Tranquillise-se por esse lado. Eu fiquei no castello e afastei toda a suspeita do espirito do conde.

A CONDESSA.

Quando hontem entrei no gabinete destinado a Catharina, contava que elle lá fosse ter comigo. Foi o capitão-general que appareceu, e, sem me dar tempo para nada, mandou-me carregar por quatro homens que se achavam á porta dos fundos, e trazer-me para esta cabana. (Outro tom.) Dar-se-á caso, Viriato, que você queira reatar, depois de tantos annos, o fio dos nossos amores?

O CAPITÃO-GENERAL, protestando.

Oh!

A CONDESSA.

Rondó-mazurka

Eu encontrei um paraizo
 Nos braços seus ;
 Mas já devemos ter juizo...
 Valha-nos Deus !
 Voltar não quero ao tempo antigo :
 Constricta estou ;
 Remorso eterno o tal postigo
 Me deparou !
 Esse passado é o meu tormento,
 E, neste andar,
 A cela escara de um convento
 Vou procurar.

Si contra mim Deus se enfurece,
Curvo a cerviz ;
Porém, contudo, me parece
Que meu marido bem merece
O que lhe fiz.

O CAPITÃO-GENERAL.

Mas quem lhe fallou, senhora, em reatar o fio dos nossos ignobeis amores? Si a fiz conduzir para aqui, foi por que a tomei pela Catharina.

A CONDESSA.

Como?! Pois tencionava...? Oh, Viriato, lembrese de que o seu tempo já passou!

O CAPITÃO-GENERAL.

Por isso mesmo. Não foi a mocidade e a formosura de Catharina que tanto me interessaram; mas simplesmente um signal... um pequenino gyrasol que tem no hombro direito...

A CONDESSA.

Não posso perceber.

O CAPITÃO-GENERAL.

Vae perceber. A historia diz-lhe respeito. (Approximando-se mais e confidencialmente) Lembra-se, quando, alguns mezes depois de me haver hospedado uns dias em casa de seu marido, que por minha ordem via-gava pelo reino, a condessa me enviou um melindroso presente, vivo e palpitante, fructo querido dos nossos amores?

A CONDESSA.

Nosso filho! Si me lembro!

O CAPITÃO-GENERAL.

Foi ha vinte annos. Recebi essa criança na minha tenda, em Pernambuco, justamente quando eramos assaltados pelos hollandezes. As balas choviam de todos os lados! O inimigo descarregava com furia! E eu, no meio do fogo e da desordem, com o peito retalhado pelo ferro dos infieis e sem esperanças de tornar á vida, entreguei a um cabo de minha confiança o pobre entesinho, sem mesmo ter tempo de lhe reconhecer o sexo. (Enxuga os olhos. Pausa.) Foi com a bocca injectada de sangue que recommendei ao cabo que lhe abrisse no hembro direito uma flor, como esta que trago no meu brazão d'armas.

A CONDESSA.

Mas isso é uma flor de liz e não um gyrasol.

O CAPITÃO-GENERAL.

E' que talvez o cabo não fosse forte em botanica.

A CONDESSA, aparte.

Está illudido. (Alto.) E depois?

O CAPITÃO-GENERAL.

O cabo veio para estes logares, e aqui morreu.

A CONDESSA.

E a criança?

O CAPITÃO-GENERAL.

A criança, julgo havel-a reconhecido em Catharina...

A CONDESSA, querendo protestar.

Mas Catharina...

O CAPITÃO-GENERAL, vendo chegar o phisico-mór e approxi-
mando-se vivamente d'elle.

Ah ! que noticias me dá de Catharina, de minha
filha ? !

O PHISICO-MÓR, aparte.

Sua filha ? ! (Alto, muito submissamente.) Vossa excel-
lencia deve estar furioso ; concordo ; mas creia, se-
nhor capitão-general, creia que sou completamente
estranho a essas trocas e baldrocas. Juro pelos meus
alvarás do phisico-mór que até a poucos instantes
suppunha ter Catharina em meu poder.

O CAPITÃO-GENERAL.

Exijo noticias suas ! Falle ! Diga o que sabe, ou
trema !

Tercetto

O CAPITÃO-GENERAL.

De minha filha ter noticias quero !

O PHISICO-MÓR.

E' natural.

A CONDESSA.

Bem natural.

O CAPITÃO-GENERAL.

Nem mais um só minuto espero !

A CONDESSA.

Está diante de um tribunal !

O PHISICO-MÓR.

Não sei dizer o que foi feito della !

O CAPITÃO-GENERAL.

Mentindo está por quantas juntas tem !

A CONDESSA.

Porque, senhor, tão receioso vem ?

O PHISICO-MÓR.

Não sei dizer onde ella pára...

A CONDESSA.

Essa mentira lhe sae cara !

O CAPITÃO-GENERAL.

Si me descobre o seu covil,
Terá cruzados quatro mil !

O PHISICO-MÓR.

Valha-me Deus,
Fidalgos meus !

Juro e protesto

E attesto

A' fé do grau que recebi,
Que não sei della e não a vi !

OS DOUS.

Adeus! adeus!
Valha-me Deus!

Elle protesta

E attesta

A' fé do grau que recebeu:
Não sabe onde ella se metteu!

O CAPITÃO-GENERAL.

Os quatro mil devem lhe encher o olho!

A CONDESSA.

Podéra não!

O PHISICO-MÓR.

Podéra não!

O CAPITÃO-GENERAL.

Não são pr'ahi nenhum trambolho.

A CONDESSA.

Podes ganhar um dinheirão!

O PHISICO-MÓR.

Não sei qual seja o seu escondrijo...

O CAPITÃO-GENERAL.

Eu nunca vi um mentiroso assim!

A CONDESSA.

Phisico-mór, toda a verdade exijo!

O CAPITÃO-GENERAL.

Comnosco aqui não perde o seu latim..

O PHISICO-MÓR, tremendo.

Estou mettido em calça parda !

O CAPITÃO-GENERAL.

Ao nariz me sobe a mostarda !

Si o seu covil me revelar,

Juro fazel-o titular !

O PHISICO-MÓR.

Valha-me Deus,

Fidalgos meus ! etc.

OS DOUS.

Adeus ! adeus ; etc.

O CAPITÃO-GENERAL.

Talvez que a sua presença o constranja, condessa.
Deixe-nos a sós.

A CONDESSA, baixo, ao capitão general.

Mas eu devo confessar-lhe que...

O CAPITÃO-GENERAL, empurrando-a brandamente.

Depois... depois... (A condessa sae.)

O PHISICO-MÓR, cantando com a musica do tercetto, sem acompanhamento.

Estou mettido em calças par... (Vendo o capitão-general, que volta de levar a condessa até o bastidor, interrompe-se e inclina-se profundamente.)

SCENA IV

o CAPITÃO-GENERAL, o PHISICO-MOR.

O CAPITÃO-GENERAL, cruzando os braços.

Então, senhor licenceado ?

O PHISICO-MÓR.

Vossa excellencia desculpe, mas é injusto... Eu sei lá onde se metteu a rapariga... Olhe, eu não fiquei com ella... Para fazer o que ?

O CAPITÃO-GENERAL.

Dou-lhe um quarto de hora para trazel-a á minha presença. Si nesse prazo improrogavel o não tiver feito, livre-se de minha colera ! Vá !

O PHISICO-MÓR, aparte.

Ora, Senhor ! Quem me mandou sahir da bella Lisbia ? (Ouve-se o som de uma trompa de caça.)

O CAPITÃO-GENERAL.

Approximam-se os meus caçadores, que durante a noite inteira andaram á procura do fugitiva. Desconfio que nada conseguiram. (Vendo entrar os caçadores.) Vêm sós ! Inferno !

SCENA V

o CAPITÃO-GENERAL, CAÇADORES.

CÔRO.

Na negra soidão da negra floresta
Fomos caçar

A moça gentil que o patrão requesta
Sem descansar.

Sem ser prudente,

Sem ser valente,

Não póde a gente

Saber caçar ;

Toda a destreza,

Toda a certeza

Em tal empreza

Convém mostrar !

Onça raivosa

Rola mimosa,

Paca manhosa,

Tamanduá,

Podeis mostrar-vos,

Apresentar-vos,

Porque caçar-vos

Ninguem irá.

De uma mulher á caça andamos,

Uma mulher aqui nos traz ;

Por hoje, pois, em paz deixamos

Pacas, tatús, tamanduás,

Preás,

Gambás,

E sabiás.

Sem ser prudente, etc,

O CAPITÃO-GENERAL.

Eu perco a cabeça ! Cada vez mais me convengo
de que aquella rapariga é minha filha. (Aos caçadores,
tomando uma resolução,) Sigam-me ! Hayemos de en-

contral-a, ainda que para isso tenhamos de revolver a terra! Vamos! Sigam-me! (Saem todos, acompanhados por alguns compassos de musica.)

SCENA VI

CATHARINA, BEIJA-FLOR.

(Saem abraçados da gruta, á esquerda.)

CATHARINA, apontando para o horizonte.

Olha, Beija-flor, é dia...

BEIJA-FLOR.

Como o tempo passou depressa! (Catharina desprende-se-lhe dos braços.) Onde vaes?

CATHARINA.

Não sei o que sinto...

BEIJA-FLOR.

Tu coras? (Catharina abaixa os olhos.)

CATHARINA.

Para que sahimos? A luz do sol me envergonha...

BEIJA-FLOR.

Não sou por ventura o teu marido? O padre Antonio, o excellente capellão tão nosso amigo, não nos unio esta noite para sempre? (Dá-lhe um beijo.)

CATHARINA.

Está quieto. Olha que já não estamos na gruta.

BEIJA-FLOR.

Ninguem nos vê.

CATHARINA.

Pois sim ; e aquelles passarinhos que nos espiam de seus ninhos, por entre a folhagem das arvores ? (Ouve-se um canto de passaro. Catharina corre a esconder o rosto no seio de Beija-flor.) Olha !

BEIJA-FLOR.

Deixal-os ! Os passarinhos tambem se beijam...

CATHARINA.

Mas não me sinto á vontade... (Applicando o ouvido.

BEIJA-FLOR.

O que ?

CATHARINA.

Os caçadores que nos perseguiram durante toda a noite... Saiamos d'aqui...

BEIJA-FLOR.

Pois bem, saiamos ; mas, antes disso, deixa-me dizer adeus a estes logares, que nos foram tão propicios.

Romança

I

Adeus, ó sombras venturosas,
Ninho feliz dos meus amores ;
Adeus, florestas murmurasas,
Adeus, adeus, mimosas flores !

Ali, no nosso escuro asylo,
 Dos labios seus o mel sorvi...
 Adeus, abrigo meu tranquillo !
 Nunca me hei de esquecer de ti.

Adeus, ó berço dos meus sonhos,
 Mansão abençoada por Deus ;
 Gruta gentil, bosque risonho,
 Talvez p'ra sempre adeus, adeus !

II

Eu parto, adeus, ditoso canto,
 Onde lhe dei tantos abraços,
 E o seu olhor vi brilhar tanto
 Como uma estrella nos espaços.
 Foi lá que Deus, compadecido,
 O nosso affecto abençoou ;
 Foi lá que o anjo meu querido
 Na terra o ceu me deparou.

Adeus, ó berço dos meus sonhos, etc.

(Ouve-se de novo o canto do passaro.)

AMBOS, ao passaro.

Adeus ! (Vão fugindo abraçados. Entra o phisico-mór,
 que os aponta aós tres soldados que os acompanham.)

SCENA VII

OS MESMOS, o PHISICO-MOR, OS TRES SOLDADOS, de-
 pois o CAPITÃO-GENERAL, o SARGENTO-
 MOR.

O PHISICO-MÓR.

Prendam-os !

CATHARINA.

Jesus ! (Corre para Beija-flor.)

BEIJA-FLOR.

Meu Deus !

CATHARINA.

Estamos perdidos. (Dous dos soldados se apoderam de Beija-flor ; o terceiro de Catharina.)

O PHISICO-MÓR.

Estão presos á ordem do senhor capitão-general.

CATHARINA, chorando.

Mas qual é o nosso crime ?

O PHISICO-MÓR.

Isso é com elle. Vocês quizeram, agora é chorar na cama que é logar quente. (A Catharina.) A Catharineta nada succederá de desagradavel... Pelo contrario... Mal sabes tu o que te espera, e mal sabes tu quem és. (A Beija-flor.) Este mariola é que se metteu em camisa de onze varas...

CATHARINA, animada.

Socega, Beija-flor: eu conseguirei que o senhor capitão-general nos deixe em paz...

O PHISICO-MÓR.

Vae por ahi, vae ; fia-te na virgem e não corras!

BEIJA-FLOR.

Então porque ?

O PHISICO-MÓR.

Eu sempre quero ver como arranjas esse par de botas.

CATHARINA.

Muito simplesmente...

Coplas

I

Hei de, com toda a habilidade,
Rogar, pedir ao tal senhor
Que enfim nos deixe, por piedade,
Gozar em paz o nosso amor.
Hei de pregar-lhe algumas petas,
E, si teimar, lhe direi que
Direi que grogotó galhetas...
Que nada tenho que lhe dê.

Deixem lá, deixem lá,
Que não me apanhará !

II

Tem contra os peitos mais marmoreos
Sempre artificios a mulher ;
Por meios brandos e suasorios,
Alcança tudo quanto quer.
Que se não renda não presumo
O tal capitão-general ;
Para o fazer mudar de rumo
Terei um geito especial...

Deixem lá, deixem lá,
Que não me apanhará !

(Durante a ultima copla, apparece ao fundo o capitão-general, acompanhado pelo sargento-mór.)

O CAPITÃO-GENERAL.

Até que afinal os alcanço !

CATHARINA.

Meu Deus !

BEIJA-FLOR.

Morri !

O CAPITÃO-GENERAL, ao sargento-mór.

Tome conta desse maroto e prenda-o em logar seguro.

O SARGENTO-MÓR, com uma continencia.

Sim, excellentissimo. (Vae collocar-se perto de Beija-flor.)

BEIJA-FLOR.

Mas, meu senhor, isso é uma injustiça.

O CAPITÃO-GENERAL.

Cala-te !

CATHARINA, com ternura.

Tenha compaixão de nós.

O CAPITÃO-GENERAL, passando-lhe o braço na cintura,

Como é bella ! (Comsigo.) E' o pae por uma penna. (Ao alcaide-mór.) Senhor licenceado, si vir a condessa, diga-lhe que estou á sua espera. (O phisico-mór comprimenta e sae. Ao sargento-mór e aos soldados.) Então levam-o ou não ?

BEIJA-FLOR, conduzido pelos soldados.

Isto é revoltante ! Adeus, Catharina, meu amor !

(Saem todos, á excepção de Catharina e do capitão-general.)

SCENA VIII

CATHARINA, o CAPITÃO-GENERAL.

O CAPITÃO-GENERAL, paternalmente.

Vamos, minha filha. Agora que estamos a sós, abraça-me !

CATHARINA, abaixando os olhos.

Excellentissimo, eu sou mulher de Beija-flor.

O CAPITÃO-GENERAL.

Mulher ? !

CATHARINA.

Sim, senhor ; nós fomos á gruta com escala pela capella.

O CAPITÃO-GENERAL.

Ora, adeus ! uma capella de aldeia... um altar obscuro e ignorado... Esse casamento annulla-se com um pouco de tinta derramada sobre o respectivo assentamento.

CATHARINA.

Mas Beija-flor...

O CAPITÃO-GENERAL.

Não me falies desse mestre ensaboador... Livrar-te-ei delle... Mandar-lhe-ei pôr as tripas ao sol.

CATHARINA.

Matal-o ! (Chorando.) Mas eu o amo !

O CAPITÃO-GENERAL, aparte.

E' o meu retrato vivo. Ainda que eu quizesse, não o poderia negar.

CATHARINA.

Meu pobre Beija-flor !

O CAPITÃO-GENERAL.

Esse pedaço d'asno é um estorvo á posição brilhante que te vou dar.

CATHARINA.

Eu prefiro ser o que sou.

O CAPITÃO-GENERAL.

E' que não sabes o que te reservo.

CATHARINA.

Não sei, mas desconfio.

O CAPITÃO-GENERAL.

Quero fazer de ti uma senhora da côrte, uma fidalga !

CATHARINA, aparte.

Pretenderá casar comigo ?

O CAPITÃO-GENERAL.

Como serás formosa, engraçada, seductora !

CATHARINA, aparte.

Seductora ? Ora espera !

O CAPITÃO-GENERAL.

Deves ficar irresistivel. Deixa-me ver o teu porte.
Anda um pouco.

CATHARINA, aparte.

Ah ! quer que eu ande ? (Andando desageitadamente.)
Aqui tem como eu ando !

O CAPITÃO-GENERAL.

Es' um pouco desageitada no andar, mas o tempo
tudo corrige.

CATHARINA, fazendo-se cada vez mais esquerda.

Não admira ! Eu fui creada entre cabras. Bé ! bé !
bé ! (Imita a cabra.)

O CAPITÃO-GENERAL.

Bé ! bé ! bé ! E' muito engraçadinha !

CATHARINA, aparte.

Heim ? Ainda não chega ? Espera lá ! (Começa a saltar
com exagero e a berrar.) Bé ! bé ! bé !

O CAPITÃO-GENERAL.

Tudo se remediará. Irás morar no meu palacio.
Serás festejada e invejada ! Nadarás na opulencia !

CATHARINA.

Mas a questão é que eu não quero.

O CAPITÃO-GENERAL.

Quererás, logo que te eu revele um grande segredo...

CATHARINA.

Um grande segredo?

O CAPITÃO-GENERAL.

Teu pae...

CATHARINA.

Meu pae...

O CAPITÃO-GENERAL.

Não é teu pae.

CATHARINA.

O que é lá isso? Papae não é papae? Como assim?

O CAPITÃO-GENERAL.

Quero dizer que aquelle que passava por ser teu pae...

CATHARINA.

Não é meu pae? Ora obrigada, muito obrigada! Minha mãe era pobre, mas honesta.

O CAPITÃO-GENERAL.

Mas tua mãe não era tambem tua mãe.

CATHARINA.

Essa agora é que não passa! De papae ainda se poderia duvidar... mas de mamãe!!

O CAPITÃO-GENERAL.

Eu te explico... E' uma historia muito complicada.

CATHARINA, com energia.

Coisa alguma me tirará da cabeça que papae não seja papae, e mamãe não seja mamãe!

O CAPITÃO-GENERAL, aparte.

Que energia! Logo se vê que naquellas veias corre sangue azul! (Alto, com transporte.) Teu pae, Catharina, teu pae sou eu!

CATHARINA.

Vossa excellencia?! (Aparte.) Está doudo!

SCENA IX

OS MESMOS, a CONDESSA.

O CAPITÃO-GENERAL.

Venha, condessa, venha abraçar sua filha!

A CONDESSA.

Catharina...

CATHARINA.

O que? Tambem esta?!

O CAPITÃO-GENERAL.

Sim, eis a criança que o meu cabo fiel ha vinte annos confiou a uma pobre mulher que até hoje passou por sua mãe.

CATHARINA.

Perdão, é que...

A CONDESSA.

Mas, Viriato, nosso filho não é uma filha; é um filho.

CATHARINA.

Além disso, eu tenho apenas deseseis annos.

O CAPITÃO-GENERAL.

Mas então como se explica isto?

A CONDESSA.

Juro-te que é um filho. Só si mudou de sexo em Pernambuco!

O CAPITÃO-GENERAL.

Nada... o clima não se presta a similhante mudança... Mas o signal?! O signal que tens na espadua? O gyrasoi?

CATHARINA, com impeto.

Ora esperem! Beija-flor tem justamente vinte annos, e foi deixado n'um pouso...

O CAPITÃO-GENERAL, ancioso.

Por quem?

CATHARINA.

Por certo soldado pernambucano, que morreu de um ferimento que trouxera. Beija-flor tem tambem, no hombro direito, uma flor, não egual á minha, porém maior. E' uma flor de cinco petalas compridas, e tem a fórma de uma estr ella.

O CAPITÃO-GENERAL.

A flor de liz!...

A CONDESSA.

E' elle!

O CAPITÃO-GENERAL.

Meu filho! Elle é meu filho!...

SCENA X

O CAPITÃO-GENERAL, CATHARINA, a CONDESSA, o SARGENTO-MOR.

O CAPITÃO-GENERAL, correndo ao encontro do sargento-mór.

Chegou a proposito! Sabe onde elle está? Vá buscá-lo!

O SARGENTO-MÓR.

A quem, senhor?

O CAPITÃO-GENERAL.

Meu filho!

O SARGENTO-MÓR, aparte.

Seu filho?... Endoideceu!

A CONDESSA.

Beija-flor!

CATHARINA.

Meu marido! (Empurram ambas o sargento-mór.)

O SARGENTO-MÓR.

Mas é justamente por causa de Beija-flor que vim cá.

O CAPITÃO-GENERAL.

Diga !

O SARGENTO-MÓR.

E' que, na occasião em que o conduziámos para a prisão, encontrámos o senhor alcaide-mór que se dirigia para cá num terrivel estado de colera, e, ao ver-nos, ordenou...

A CONDESSA.

O que ? Termine !

O CAPITÃO-GENERAL.

O que ordenou elle ?

CATHARINA.

O que ordenou ? Falle !...

SCENA XI

OS MESMOS, o ALCAIDE-MOR.

O ALCAIDE-MÓR, chegando esbaforido.

Fez-se... (Não pôde continuar, de cansado.)

O CAPITÃO-GENERAL.

O que ?

TODOS.

O que ?!

O ALCAIDE-MÓR.

Fez-se justiça.

TODOS.

Justiça !

O ALCAIDE MÓR.
Summaria.

TODOS.
Ceus!

O ALCAIDE-MÓR.
Beija-flor foi açoitado!

CATHARINA.
Ah! (Cae nos braços do sargento-mór.)

A CONDESSA, ao mesmo tempo.
Ah! (Cae nos braços do capitão-general.)

O ALCAIDE-MÓR.
Mandei-lhe dar cento e cincoenta açoitões! Espero
que vossa excellencia ficará satisfeito.

O CAPITÃO-GENERAL.
Ah! senhor conde dom Pascacio, vou fazel-o em
postas!

O ALCAIDE-MÓR.
Em postas?

O CAPITÃO-GENERAL.
Torrar-o! (Atira-lhe a condessa nos braços.)

O ALCAIDE-MÓR, recebendo a condessa.
Torrar-me?!

O CAPITÃO-GENERAL, ao sargento-mór.
Corramos!

O SARGENTO-MÓR.

Corramos! (Entrega Catharina ao alcaide-mór.)

O ALCAIDE-MÓR, com uma mulher em cada braço.

E' tarde. A estas horas já está terminado o castigo.

O CAPITÃO-GENERAL, parando.

Tarde?

A CONDESSA e CATHARINA, chorando.

Tarde!

O CAPITÃO-GENERAL.

Si fôr tarde, enforco-o!... Miseravel! Assassine!

A CONDESSA.

Pedaço d'asno!

CATHARINA.

Monstro!

O SARGENTO-MÓR.

Desalmado!

O ALCAIDE-MÓR, estupefacto.

Enforcado! Assassino! Pedaço d'asno! Monstro!
Desalmado! Virgem Santissima!

SCENA XII

OS MESMOS, o PHISICO-MOR, depois BEIJA-FLOR,
THEREZA, MARIA, JOSEFA, JOANNA, os
CÓROS.

O PHISICO-MÓR, esbaforido.

Senhor capitão-general! senhor capitão-general!
No momento em que se desabotoava a camisa de Bei-

ja-flor, para receber os cento e cincoenta açoites re-
ceitados pelo senhor alcaide-mór, descobri a flor de
liz de que vossa excellencia fallou, e...

TODOS.

E...

O PHISICO-MÓR.

Eil-o são e salvo!

TODOS.

Ah! (Beija-flor tem entrado, seguido dos demais perso-
nagens.)

O ALCAIDE-MÓR.

Vossa excellencia quer assistir pessoalmente ao
castigo deste maroto?

O CAPITÃO-GENERAL.

Maroto?! De quem falla vossa mercê?

O ALCAIDE-MÓR, apontando para Beija-flor.

Deste patife!

O CAPITÃO-GENERAL.

Veja que está faltando com o respeito a meu filho!

O ALCAIDE-MÓR.

Heim?

BEIJA-FLOR.

Que diz elle?!

O CAPITÃO-GENERAL, tomando a mão de Beija-flor.

Sim, meu filho!

O ALCAIDE-MÓR.

Pois vossa excellencia é pae do barbeiro ?

O CAPITÃO-GENERAL.

Foi barbeiro ; será conde.

BEIJA-FLOR, tomando a mão de Catharina.

E minha mulher ?

CATHARINA.

Sim ; e eu ?

O CAPITÃO-GENERAL.

Tu... (Depois de leve hesitação.) Tu serás uma adoravel condessinha.

O ALCAIDE-MÓR.

Si percebo...

O PHISICO-MÓR.

Com certeza pilho os quatro mil bagarotes, e a patente... (Gritando.) Viva o senhor capitão-general !

TODOS.

Viva !...

Copla final

CATHARINA.

Eu passei por muitos perigos ;
Mas este é delles o maior...

A CONDESSA.

Pois olha : eu cá só vejo amigos...
Acolá, aqui, em redor...

CATHARINA.

Si em cada um destes senhores
Um amigo podemos ver,

A CONDESSA.

E' natural que os seus favores
Nos queiram hoje conceder.

AMBAS.

Pedimos a vossa indulgencia
Para esta pobre *Flor de liz*;
Mas, si negaes benevolencia,
Curvamos a cabeça a tal juiz!

CÔRO GERAL.

Mas, si negaes benevolencia,
Curvamos a cabeça a tal juiz!

EDIÇÕES DA GALERIA THEATRAL

SINO DO EREMITERIO
SONHOS DE OURO
FLOR DE LIZ.

NO PRELO

BOCCACIO
MOSQUITOS POR CORDAS
CAZA DE ORATES
FILHA DO TAMBOR-MÓR
PERIQUITO
ARCHIDUQUEZA
LOTERIA DO DIABO
MIL E UMA NOITES.

N. B.—Recebem-se assignaturas para as operetas
que estão no prelo.

AGENTE EM S. PAULO :
DOLIVAES NUNES,—Rua do Imperador n. 18.